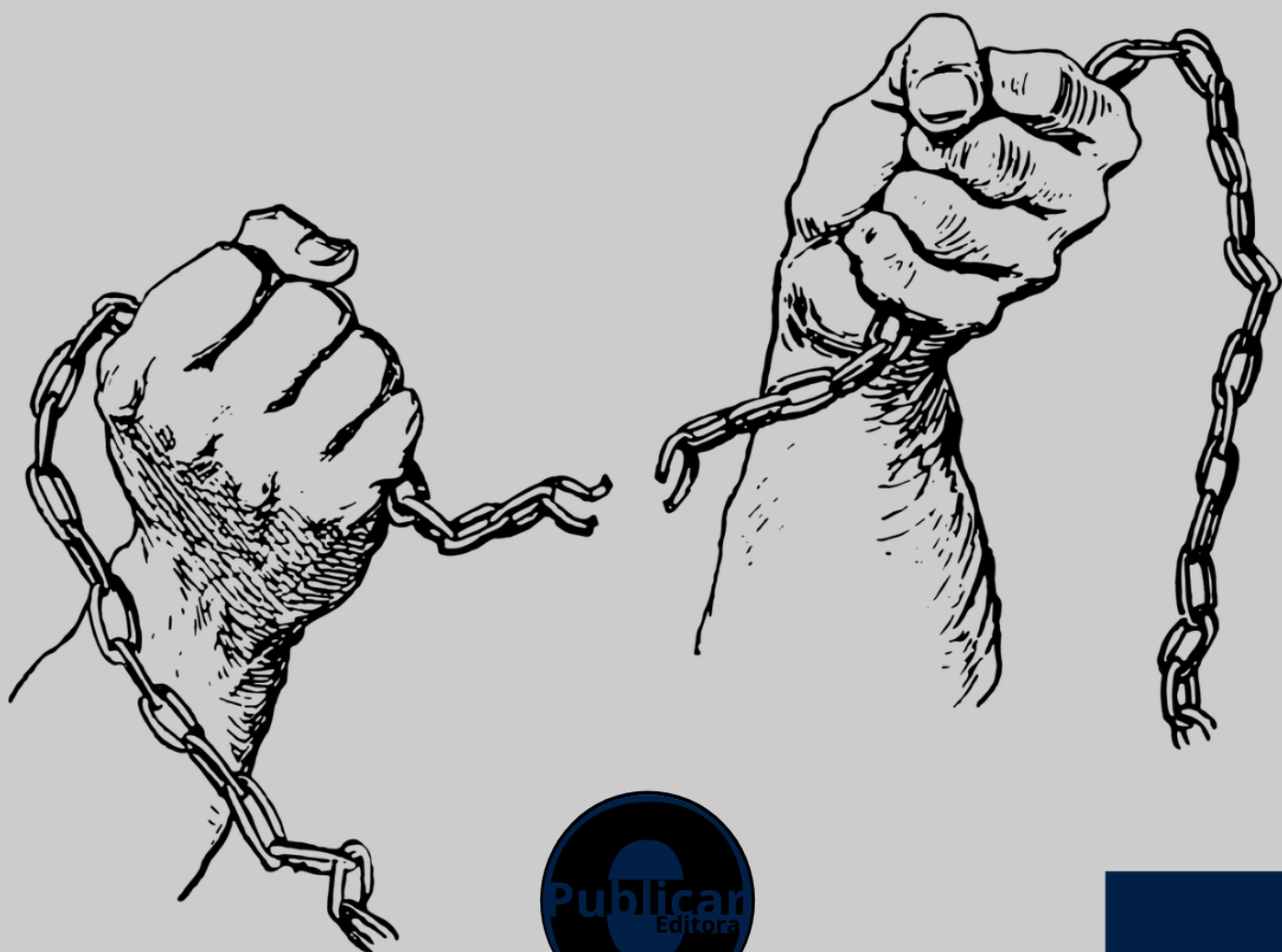


Antônio Martins de Oliveira

O CATINGUEIRA E A SUA LIBERDADE

O escravo Inácio da Catingueira e o seu enfrentamento ao sistema escravista oitocentista no sertão da Paraíba

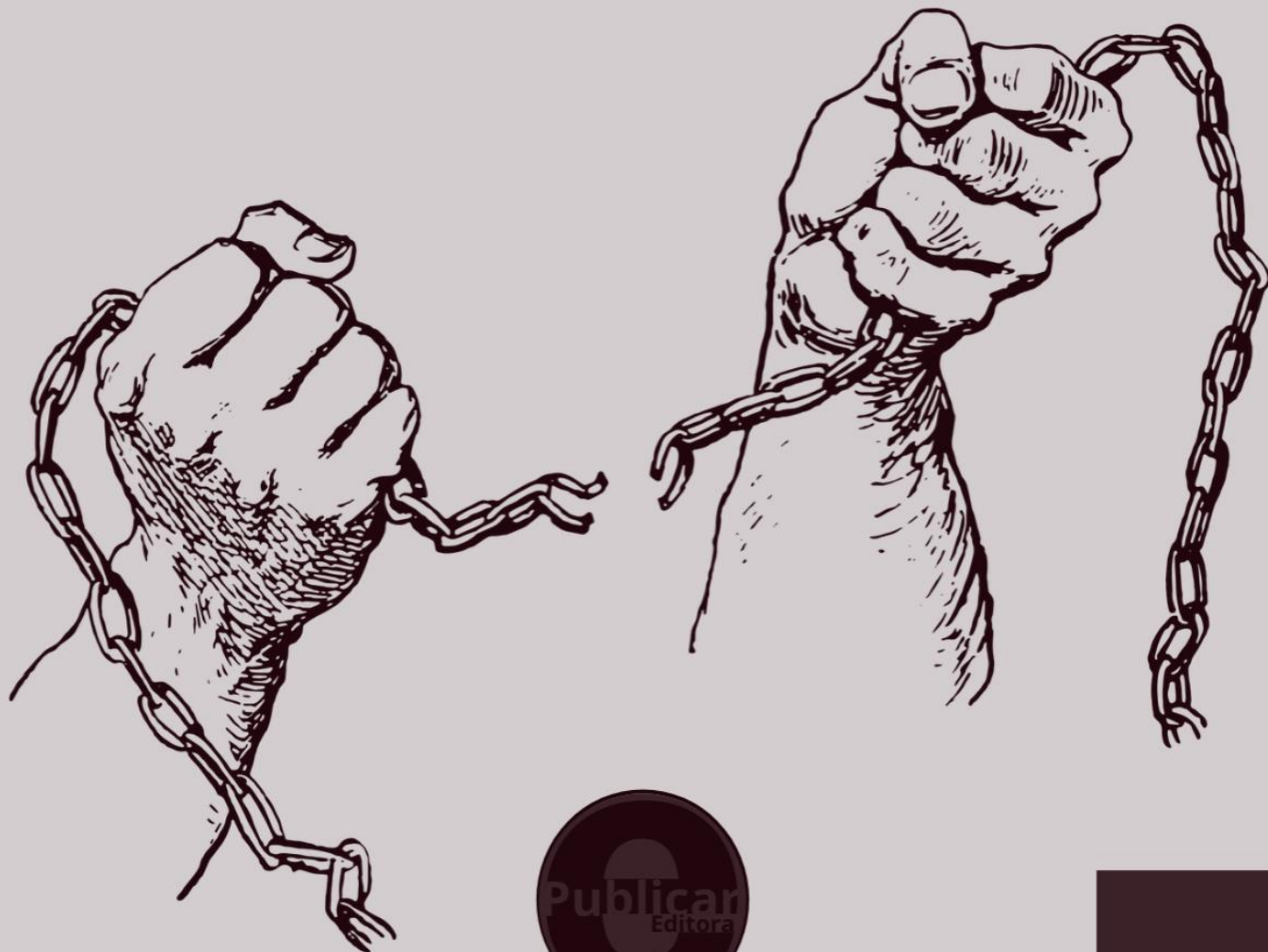


2021


Antônio Martins de Oliveira

O CATINGUEIRA E A SUA LIBERDADE

O escravo Inácio da Catingueira e o seu enfrentamento ao sistema escravista oitocentista no sertão da Paraíba



2021



2020 by Editora e-Publicar
Copyright © Editora e-Publicar
Copyright do Texto © 2020 O autor
Copyright da Edição © 2020 Editora e-Publicar
Direitos para esta edição cedidos à Editora e-Publicar pelo autor.

Editora Chefe

Patrícia Gonçalves de Freitas

Editor

Roger Goulart Mello

Diagramação

Roger Goulart Mello

Projeto gráfico e Edição de Arte

Patrícia Gonçalves de Freitas

Revisão

O Autor

Todo o conteúdo dos artigos, dados, informações e correções são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download e compartilhamento da obra são permitidos desde que os créditos sejam devidamente atribuídos aos autores. É vedada a realização de alterações na obra, assim como sua utilização para fins comerciais.

A Editora e-Publicar não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Dr^a Cristiana Barcelos da Silva – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Dr^a Elis Regina Barbosa Angelo – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dr. Rafael Leal da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dr. Fábio Pereira Cerdera – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Dr^a Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes

Me. Doutorando Mateus Dias Antunes – Universidade de São Paulo

Me. Doutorando Diogo Luiz Lima Augusto – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Me. Doutorando Francisco Orícelio da Silva Brindeiro – Universidade Estadual do Ceará

M^a Doutoranda Bianca Gabriely Ferreira Silva – Universidade Federal de Pernambuco

M^a Doutoranda Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Me. Doutorando Milson dos Santos Barbosa – Universidade Tiradentes

M^a Doutoranda Jucilene Oliveira de Sousa – Universidade Estadual de Campinas

M^a Doutoranda Luana Lima Guimarães – Universidade Federal do Ceará



2021



M^a Cristiane Elisa Ribas Batista – Universidade Federal de Santa Catarina
M^a Andrelize Schabo Ferreira de Assis – Universidade Federal de Rondônia
Me. Daniel Ordane da Costa Vale – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Me. Glaucio Martins da Silva Bandeira – *Universidade Federal Fluminense*
Me. Jose Henrique de Lacerda Furtado – Instituto Federal do Rio de Janeiro
M^a Luma Mirely de Souza Brandão – Universidade Tiradentes
Dr^a. Rita Rodrigues de Souza - Universidade Estadual Paulista
Dr. Helio Fernando Lobo Nogueira da Gama - Universidade Estadual De Santa Cruz
Dr. Willian Douglas Guilherme - Universidade Federal do Tocantins
Dr^a. Naiola Paiva de Miranda - Universidade Federal do Ceará
Dr^a. Dayanne Tomaz Casimiro da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

O48c Oliveira, Antonio Martins de, 1969-.
O catingueira e a sua liberdade [recurso eletrônico] : o escravo Inácio da Catingueira e o seu enfrentamento ao sistema escravista oitocentista no sertão da Paraíba / Antonio Martins de Oliveira. – Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-89340-08-9

1. Catingueira, Inácio da, 1845-1879. 2. Brasil – Escravidão – História. I. Título.

CDD 326.0981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Editora e-Publicar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
contato@editorapublicar.com.br
www.editorapublicar.com.br



2021



AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Pai divino que nos dá a bela oportunidade de lançar mais um livro, superando as limitações no recolhimento de materiais de pesquisa e na obtenção de apoio para sua produção.

À querida família, parceira nas tantas histórias de sofrimentos e vitórias nas terras sertanejas, principalmente nas terras catingueirenses.


Ao amigo Tom Silva, irmão do coração que tanto incentivo me dá para produzir e publicar meus trabalhos.

Ao amigo José Fernandes, parceiro em pesquisas e reflexões sobre Inácio da Catingueira e sua terra.

Aos irmãos e irmãs do coração Tim, Zilma, Fernando, Ategmária e Eduarda por terem compartilhado comigo informações que só a intuição alcança, mas que foram preciosas para a produção desse trabalho.

E, finalmente, ao próprio Inácio da Catingueira, irmão que com certeza me inspirou na produção desse humilde texto, que poderá servir para que outros pesquisadores mais afortunados possam desenvolver melhores hipóteses sobre sua iluminada pessoa e seu trabalho.

Gratidão a tod@s!





Sumário

PRIMEIRAS PALAVRAS	8
CAPÍTULO 1	10
DECLÍNIO E NEGAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA	10
O declínio do sistema escravista no litoral paraibano.....	10
O declínio do sistema escravista no sertão paraibano.....	12
A Negação da Escravidão na Historiografia Paraibana	15
CAPÍTULO 2	19
CATINGUEIRA.....	19
Catingueira e o seu entorno.....	19
Pedro Velho e Joana Maia.....	21
A Fundação de Catingueira	24
CAPÍTULO 3	27
INÁCIO DA CATINGUEIRA.....	27
Inácio na Literatura.....	27
A Terra do Escravo Inácio	30
CAPÍTULO 4	32
A PELEJA.....	32
O Ano da Realização	32
Os Acertos.....	33
O Resultado	36
CAPÍTULO 5	38
A MENSAGEM DE INÁCIO.....	38
A Mensagem.....	38
A Última Mensagem.....	45
CAPÍTULO 6	46
HISTÓRIAS MAL CONTADAS.....	46
A Carta de Alforria	46
Um Possível Encontro.....	48
O Nome da Cidade.....	50
O Legado.....	50
CAPÍTULO 7	52
A MORTE DE INÁCIO	52
PALAVRAS FINAIS	53



PRIMEIRAS PALAVRAS

Quase todos os autores e sites que falam da peleja poética de Inácio da Catingueira com Romano do Teixeira se detêm na análise de quem ganhou e quem perdeu a disputa, ocorrida na segunda metade do século XIX. Neste trabalho, quem ganhou e quem perdeu não é o foco principal. Nós buscamos realizar uma leitura mais aprofundada da mensagem do poeta Inácio, também conhecido como O Catingueira.

Só Linda Lewin (1998) comenta com um pouco mais de profundidade a influência que os versos de Inácio poderiam ter exercido na população presente ao evento, ávida de mudanças sociais. No entanto, a autora não aborda o contexto de interesses políticos que envolveram os personagens em torno da referida peleja poética e, por esta razão, este trabalho tenta preencher um pouco esta lacuna.

No Capítulo 1, fazemos uma breve análise do contexto econômico da Paraíba oitocentista e da produção historiográfica paraibana sobre a escravidão no sertão, na qual buscamos embasar algumas hipóteses quanto ao lugar onde Inácio viveu e o seu modo de vida. No Capítulo 2, falamos do lugar onde Inácio nasceu e viveu, e da importância desse ambiente para o seu desenvolvimento. No Capítulo 3, falamos especificamente de Inácio da Catingueira, O Catingueira, buscando traçar aspectos de sua personalidade e comportamento. No Capítulo 4, falamos da peleja de Inácio contra Romano, tentando analisar o evento e entender o personagem Inácio dentro nesse contexto. No Capítulo 5, analisamos o conteúdo dos versos mais significativos de Inácio na peleja com Romano, buscando extrair deles a sua mensagem. No Capítulo 6, falamos de quatro histórias mal contadas que, se mais pesquisadas e esclarecidas, poderiam enriquecer muito a história do município de Catingueira e do Estado da Paraíba. E, no Capítulo 7, falamos da morte de Inácio, apresentando hipóteses acerca de suas circunstâncias.

Esclarecemos que as hipóteses aqui levantadas nascem de vários anos pesquisas em diversos livros e teses de mestrado e doutorado sobre o sertão paraibano nos séculos XVIII e XIX, produzidos por diferentes e variados pesquisadores e pesquisadoras, além de um trabalho de pesquisa in loco. Infelizmente, ainda não tivemos acesso aos muitos documentos primários sobre Inácio, que estão em poder de descendentes de Manoel Luiz, nem acesso a documentos primários sobre a escravidão no sertão, mas cremos que conseguimos um bom material secundário, tendo em vista que a historiografia paraibana moderna aborda uma nova



visão acerca do tema, uma abordagem inaugurada a partir do trabalho de Diana Galliza (1979) que questiona a produção historiográfica do final do século XIX e início do século XX.

Após nossas conclusões, apresentamos um posfácio com considerações sobre as realidades do sertão do passado e do presente, buscando refletir sobre os “Inácios” de hoje e suas condições de vida, numa realidade que ainda demanda muita atenção.



CAPÍTULO 1

DECLÍNIO E NEGAÇÃO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA

As gerações mais novas, de ambas as partes, desconhecem os vergonhosos laços de escravidão que entrelaçaram seus antepassados.

– Fábio e Maria Dantas

O fim do tráfico internacional de escravos africanos, exigido pela Inglaterra a partir de 1826, iniciaria o declínio progressivo do sistema escravista na Paraíba e no Nordeste, o que forçaria os governos locais a criarem alternativas para manterem suas economias em alta, as quais ainda manteriam a exploração dessa mão-de-obra cativa por décadas à frente, mesmo depois de ser aprovada no Brasil a Lei Feijó em 1831, que ordenava o fim do tráfico. Era a famosa “lei para inglês ver”.

Na verdade, em 1849 o governo brasileiro criaria o tráfico interno de escravos, chamado de tráfico interprovincial, pelo que tentava suprir a região Centro-Sul com a escravaria ociosa do Nordeste. Ociosa, não porque o escravo fosse poupado da lida pesada e animalasca dos engenhos litorâneos e das fazendas do interior, mas porque a economia do Estado não andava bem.

Sendo mais pressionado pelos interesses comerciais da Inglaterra, advindos da revolução industrial em que viviam os ingleses, em 1850 o Brasil cria e aprova a Lei Eusébio de Queiroz, que proibia definitivamente o tráfico internacional de escravos, mas não mexia no tráfico interno entre os Estados e regiões do país. Não obstante, isso ainda não agradaria a todos, e se traduziria em disputas de interesses entre os Partidos Liberal e Conservador. Estas disputas vão perpassando toda a história e vão criando fatos e situações interessantes que vão influenciar o curso dos acontecimentos, e em especial os relacionados ao nosso Inácio da Catingueira.

O declínio do sistema escravista no litoral paraibano

O fim do tráfico negreiro, aliado à crise na produção do açúcar e à ciclicidade comercial do algodão, baixaria o preço do cativo na Paraíba, fazendo os fazendeiros venderem sua escravaria no mercado centro-sulista por melhor preço.

Vejamos os preços do cativo de 15 a 29 anos de idade, praticados na Paraíba no século XIX:



ANO	Preço em Mil Réis	ANO	Preço em Mil Réis
1843	550	1863	1:920
1848	460	1864	1:970
1850	650	1865	2:000
1851	610	1866	1:500
1852	870	1867	1:700
1853	960	1868	-
1854	980	1871	1:770
1855	1:200*	1872	1.920
1856	1:700	1873	1:600
1857	1:450	1874	1:000
1858	2:000	1875	2:200
1859	1:800	1876	2:270
1860	2:030	1877	2:130
1861	1:750	1878	2:070
1862	1:860	1879	2:080

*1 Conto e 200 Mil Réis

Fonte: GALLIZA, 1979: pp. 112-3

Analisando o quadro, vemos que em 1848, dois anos antes do início do tráfico interprovincial, o preço do escravo era de 460 mil réis e, em 1850, o preço já era 650 mil, uma alta de 190 mil réis. Vemos também que nos anos seguintes o preço só sobe, chegando ao valor mais alto em 1876, quando bate a cifra de 2:270\$000 rs, ou seja, dois contos e duzentos e setenta mil réis.

Conforme o deputado paraibano Manoel Pedro Cardoso Vieira (1848-1880), em sua biografia escrita por Eduardo Martins, o escravo:

Se não puder transportá-lo para o sul a fim de vendê-lo por melhor dinheiro, há de vendê-lo na província por metade de seu valor, e portanto com prejuízo duplo, porque perde sua propriedade e perde no valor da venda (MARTINS, 1979: p. 140).

Como se não fossem suficientes os prejuízos elencados por Cardoso Vieira, os fazendeiros ainda tinham que pagar o Imposto de Importação, o que evidentemente fazia diminuir ainda mais o seu lucro. A reação de muitos fazendeiros a isto era contrabandear os seus cativos, fugindo da fiscalização do governo (GALLIZA, 1979).

Por estas e outras razões, a venda de escravos constituía uma medida necessária do ponto de vista dos fazendeiros porque, por um lado, isto os liberava da sua escravaria improdutiva e, por outro, lhes permitia angariar recursos para saudar suas dívidas (GALLIZA,



1979; MONTEIRO, 1987). Tais dívidas, se não pagas, poderiam levá-los à falência, conforme nos relata o citado deputado Cardoso Vieira:

Quantas vezes o lavrador não é obrigado a sacrificar todos os escravos para remir-se de uma dívida, que todos os dias cresce pela acumulação dos juros? Tenho visto muitas vezes este tristíssimo espetáculo! Sucede até que escravos e fazenda são absorvidos pela dívida (MARTINS, 1979: p. 139).

Dessa forma, o tráfico interprovincial faria a Paraíba se desfazer dos seus escravos ano após ano e em uma escala elevada, conforme nos mostra o quadro abaixo:

ANO	ESCRAVOS NA PARAÍBA
1852	28.566
1872	21.526
1884	19.778

Fonte: GALLIZA, 1979: p. 36

Aqui, podemos ver que entre 1852 e 1872, ou seja, em um período de 20 anos, a diminuição do número de escravos na Paraíba é de 7.040 cativos, e entre 1872 e 1884 (12 anos) a diminuição é de 1.748 cativos. Assim, somando os períodos, temos que, em 32 anos, o tráfico interprovincial escoou 8.788 escravos da Paraíba para o Centro-Sul do país, sem contabilizar, claro, os números do escoamento ilegal.

Esse expressivo escoamento, somado aos processos abolicionistas da segunda metade do séc. XIX, marcaria, principalmente no litoral, o início do fim do sistema escravista da Paraíba.

O declínio do sistema escravista no sertão paraibano

O sertão oitocentista, apesar de ser uma zona econômica dedicada à cultura principalmente do criatório de gado, também sofreria o impacto da crise na cultura açucareira, pois grande parte do gado produzido nessa região era destinada ao consumo no litoral. Assim, quando a economia litorânea não ia bem, o sertão refletia esta situação.

Por sua vez, a produção do algodão estava mais concentrada no agreste e no brejo, mas já em 1830 se ouvia falar dessa produção também no sertão, como nos diz Arruda Mello:

O acontecimento mais importante da economia paraibana do século XIX ficou por conta da progressão do algodão. Já por volta de 1830, os viajantes estrangeiros que visitaram a Paraíba, como o inglês Henry Koster, percebiam a “onda verde dos algodoads” descendo do sertão, em busca das terras acatingadas do agreste e vales úmidos da zona da mata (MELLO, 2014: pp. 116-117).



Mas, o comércio do algodão era incerto porque dependia do consumo em outros países, como destaca Elza Oliveira:

Em 1860, a conjuntura internacional volta a incentivar a produção brasileira. Com a Guerra de Secessão [1861 a 1865], as exportações americanas sofrem nova interrupção, retomando o Brasil sua posição de fornecedor. Terminada a guerra, a produção norte-americana é restabelecida, determinando a perda do Brasil no mercado mundial. Após o surto exportador da década de 1860, a exportação brasileira do algodão para o mercado externo não cessou completamente (OLIVEIRA, 2007: p. 64)

Por esta razão, havia época em que o comércio algodoeiro ia bem e época em que não, não podendo, dessa forma, garantir a continuidade da sua produção.

Portanto, com o comércio bovino fraco e o algodoeiro incerto, o sertão tinha dificuldades em manter sua escravaria, uma vez que o número de escravos nessa região era quase igual ao do litoral. Vejamos os números:

ANO	ESCRAVOS NO SERTÃO	%
1852	9.558	33,46
1872	8.221	38,19
1884	8.083	40,87

Fonte: GALLIZA, 1979: p. 54

Mesclando este com o quadro anterior podemos ver que, em 1852, os 28.566 cativos do Estado estavam divididos em 19.008, no litoral e 9.558, no sertão, contabilizando a expressiva cifra de 33,46% de cativos africanos na zona sertaneja, o que aumentaria nos anos seguintes para 38,19% e 40,87%. Assim, em 1884, podemos dizer que metade da escravaria de todo o Estado estava no sertão!

Mas, esse não era o problema principal nessa região.

Nos anos de 1852 e 1879 o sertão enfrentava devastadoras secas que dizimaram milhares de vidas humanas no Nordeste, entre escravos e livres. De acordo com Solange Pereira Rocha (2007), na Paraíba foram registrados 35 mil retirantes na capital, ou seja, pessoas que fugiram do sertão para a capital para sobreviverem ao flagelo. E não é só.

Os relatos se tornam ainda mais alarmantes quando se fala da chamada Grande Seca registrada no período de 1877 a 1879, na qual, segundo Maria Verónica Secreto:

As referências à seca no Nordeste durante o século XIX estiveram vinculadas às crônicas naturalistas, caracterizadas por recorrer a esse horror para narrar o inenarrável: **famílias inteiras morrendo de fome, pais vendendo os filhos, comendo-os, abandonando-os. Mulheres vendendo-se por um prato de comida, prostituindo-se. Corvos comendo crianças exauridas. Corpos sem sepultura abandonados pelos caminhos.** Todas as imagens infernais foram utilizadas para



descrever o que acontecia no Nordeste nas épocas de seca – [o destaque é nosso] (SECRETO, 2020: p. 35).

E, como se esse relato não fosse suficientemente aterrador, o dado seguinte que a autora nos dá não parece ser menos terrível:

O repórter Herbert Smith, que estava no Ceará cobrindo a seca para a *Scribner's Magazine*, registrou que, durante a seca, provavelmente **quinhentos mil sertanejos haviam morrido de varíola e fome**. Além de escrever para a revista, Smith publicou, em 1879, o livro resultado dessa sua viagem ao Brasil, no qual **reitera o número de quinhentas mil mortes** causadas diretamente pela fome e pelas doenças que acompanharam a seca – [os destaques são nossos] (SECRETO, 2020: p. 36).

Canibalismo, pais vendendo seus filhos, 500 mil mortos... são dados realmente terríveis, e Verónica Secreto reconhece que estas informações anunciadas pelos jornais do período imperial, que pertenciam a partidos políticos, não eram informações exatas, porém não deixavam de ser críveis. O problema maior eram as dificuldades das instituições governamentais para fazer este trabalho, fato que é corroborado pela fala de Luiz Antonio da Silva Nunes, governador da Paraíba em 1860, citado por Wilson Seixas:

A administração luta com os maiores embaraços para colher esclarecimentos a respeito da população da Província. Mesmo nas mais adiantadas e ricas, onde há repartições especiais de estatísticas convenientemente montadas lutam as administrações com obstáculos e dificuldades (SEIXAS, 1985: p. 55)

Apesar disso, Verónica Secreto assegura que estes dados nos dão, sim, uma noção do que realmente acontecera naquele período.

Por estas razões, o fator “Seca” foi decisivo para se repensar o sistema escravista no sertão, principalmente em se considerando que a situação do escravo na seca era ainda mais grave do que a da população livre, dado o seu total negligenciamento por parte dos fazendeiros e do governo, somando-se a isso a prática do tráfico ilegal.

Dessa forma, podemos deduzir que o tráfico escravista interprovincial veio a ser bem querido também pelos fazendeiros do sertão, devido aos seguintes fatores: a) a baixa do preço do cativo no mercado provincial (ou estadual), b) a crise no comércio do gado, c) a ciclicidade do comércio do algodão, d) a alta do preço e da demanda do cativo no mercado interprovincial (ou interestadual), e e) a seca.

Com o tempo, os movimentos abolicionistas, as revoltas populares e as disputas políticas entre os Partidos Liberal e Conservador vão fazer com que as elites sociais e políticas comecem a negar a escravidão no sertão, dizendo que não havia tanto rigor no trato com os negros, tese que vai orientar a produção historiográfica paraibana do final do século XIX e início século do XX. É o que veremos a seguir.



A Negação da Escravidão na Historiografia Paraibana

Estudos realizados pela historiadora Diana Soares de Galliza nos anos de 1990, identificam um negacionismo da escravidão nas obras dos principais autores da historiografia paraibana do final do século XIX e início do século XX:

De um modo geral, os historiadores que analisaram a economia sertaneja desprezaram o papel desempenhado pelo escravo negro ou atribuíram-lhe pouca importância na organização do trabalho nessa região (GALLIZA, 1979: p. 80).

Por esta razão o seu trabalho é apontada pelo historiador Arruda

Mello como a culminância das “*inspirações pró-negras na Nova Historiografia Paraibana*” (MELLO, 1988: p. 122) e, realmente, hoje é possível comprovar essa afirmativa de Mello ao pesquisarmos sobre esse tema, uma vez que verificamos a presença, direta ou indireta, dessa autora nas diversas teses de mestrado e doutorado sobre o tema, trazendo uma nova visão acerca da presença cativa africana no sertão paraibano.

Estes trabalhos nos proporcionam um rico levantamento de dados históricos primários, buscados nos cartórios de cidades como Piancó e Pombal, dentre outras, além de outras fontes de pesquisa, que nos permitem construir uma visão mais realista acerca do ambiente social e da realidade vivida pelos escravos do sertão paraibano do século XIX.

Na ótica de Diana Galliza, vejamos a seguir os argumentos de Capistrano de Abreu (1853-1927) e Irineo Joffily (1843-1902):

Capistrano de Abreu declarou que a presença dos negros africanos no criatório se justifica, “não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abundância” (GALLIZA, 1979: p. 80).

Entre os argumentos para explicar “este facto, aparentemente estranho”, Joffily destacou que foi devido ao “orgulho que tinham algumas famílias de demonstrar opulência pelo número de cativos que possuíam” (GALLIZA, 1979: p.81)

Assim como Capistrano de Abreu e Irineo Joffily, Geraldo Irineo Joffily também faz parte dessa primeira fase da historiografia negacionista da escravidão na Paraíba, e argumenta que:

Enquanto os matutos tomam conta da cidade e as autoridades fogem, inclusive o Juiz Trindade, que fazem os escravos? Levam os livros do Fundo de Emancipação ao vigário Calixto, para que lhes diga se têm ou não direito à liberdade!? E ainda são considerados “rebeldes”, chefiados por um “famigerado”!? O conjunto destes elementos vem reforçar a tese de que os escravos do Brasil, pelo menos em algumas oportunidades, reagiam à escravidão com menor agressividade... (JOFFILY, 1976: p. 111).



Cabe perguntar-nos: por que os escravos preferiam a legalidade em vez da violência? Voltaremos a esta questão mais adiante.

Diana Galliza, por sua vez, assegura não haver encontrado subsídios que comprovem a não participação do negro na economia sertaneja ou que sua presença houvera constituído ali apenas um “elemento de magnificência e fausto”, e cita algumas evidências:

Em primeiro lugar, o estilo de vida do sertão contraria a asseveração de que o negro no criatório fora, apenas, fator de ostentação. A maioria dos fazendeiros tinha uma vida simples. Os inventários denotam que predominavam as habitações de taipa e de baixo valor pecuniário. (...) As boas moradas construídas em tijolo, no valor de 2:000\$000 [2 contos de réis], como encontramos no inventário de Bento José da Costa, constituíram exceção (GALIZZA, 1979: pp. 86-7).

Na mesma linha de argumentação, Mello assevera que:

Muito diferente era a situação do escravo do campo, pois para compensar o alto preço por que era adquirido, ou o elevado investimento com a sua criação, tinha que produzir muito e consumir pouco. A faina no campo era de sol a sol com ligeiros intervalos para o café e um frugal almoço. Voltavam com o sol posto para o jantar, mas o trabalho continuava pela noite a dentro... (MELLO, 1988: p. 49).

Como podemos subtrair das informações de Galliza e Mello, o fazendeiro do sertão não era tão rico quanto a historiografia paraibana quis aparentar. A ideia de que só os grandes fazendeiros e os homens de alto poder aquisitivo, como os coronéis e os chefes políticos, podiam comprar escravos e, por isso, os teriam apenas para uso pessoal nas suas casas-grandes, isso é desmontado nas pesquisas desses autores. As casas-grandes, portanto, não eram tão “grandes” assim, uma vez que eram feitas de taipa, ou seja, de varas trançadas e preenchidas com barro pisado, e os valores que gastavam na aquisição dos escravos eram, muitas vezes, obtidos em empréstimos ao governo para, depois, serem extraídos do esforço sobre-humano que o escravo era obrigado a despender nas lidas diárias dos roçados, do criatório e do comércio do gado, tudo isso sob a ameaça do chicote do feitor e do suplício do mortífero tronco.

Como o preço do escravo chegara a 2 contos e 270 mil réis, em 1876 (conforme o quadro no capítulo 1), nos causa espanto o relato de Diana Galliza ao dizer que uma morada boa, construída em tijolo, valia 2 contos de réis – ou seja, mais barato do que um escravo -, tendo em vista que muitas casas de senhores de escravos eram de taipa. Quer dizer, se havia fazendeiros que não tinham recursos nem para construir uma casa em tijolo, imaginem se poderiam usar um escravo de 2:270\$000 rs apenas como demonstração de status social!

Dessa forma, é inegável que a aquisição de escravos exigia do comprador um valor realmente alto em dinheiro, ou em bens equivalentes que pudessem ser trocados ou



penhorados em empréstimos, o que demonstra o elevado endividamento dos fazendeiros e a consequente prática da sua exploração do cativo.

Dizer, portanto, que a escravidão no sertão paraibano era branda, sem a rigidez e o tratamento cruel que eram praticados pelos demais sistemas escravistas, seria querer maquiagem o que acontecia de fato. Então, assim como Galliza, também nós acreditamos que os argumentos nesse sentido carecem de maior embasamento documental e, por isso, são insuficientes para que continuem sendo um eixo norteador da história da escravidão no sertão da Paraíba.

Ao que parece, esta narrativa negacionista da época tinha o objetivo de, por um lado, encobrir a realidade da escravidão, pondo-se a serviço dos interesses dos fazendeiros e do governo para limpar a imagem da Paraíba - e do Brasil - perante a opinião internacional. Este encobrimento parece ficar claro na fala do governador Frederico de Almeida Albuquerque, em 1872:

A lei nº 2.040, de 28 de setembro do ano passado [Lei do Ventre Livre], recebida nesta província com unânime aprovação de seus habitantes, essa lei eminentemente sábia, que resolveu o importantíssimo e assaz difícil problema social da **emancipação dos escravos** pelo modo o mais convincente, sem abalo da propriedade agrícola, e sem comoções, extinguindo em um lapso de tempo não longo essa instituição que nos legaram os nossos maiores, mas que nos envergonharam perante o mundo civilizado, e retardava o progresso moral e material sem inconvenientes – [destaque nosso] (GALLIZA, 1979: pp. 168-9)

Resumidamente, o governador diz que a lei, então aprovada, resolvia o problema da escravidão de modo convincente, para os fazendeiros e aceitável, para os escravos, livrando aquelas autoridades da vergonha internacional de manterem por tanto tempo esse sistema desumano. Assim, a partir dali, ou seja, da promulgação da Lei do Ventre Livre, as autoridades teriam ficado “bem na foto” das relações internacionais, uma vez que abriram mão da escravização dos negros que ainda iam nascer. Não obstante, como filhos de escravos, aquelas crianças na prática ainda continuariam servindo aos senhores.

Por outro lado, tornar-se-ia uma arma de disputas entre o Partido Liberal e o Partido Conservador, através da qual a oposição Liberal acusava o governo de praticar injustiças, e a situação Conservadora se defendia, tentando legitimar suas ações sob o argumento da implementação da lei e da ordem. No entanto, nem um lado nem o outro queriam mudanças reais. Voltaremos a este assunto mais adiante.



O fato é que esta estratégia de encobrimento da verdade no Brasil é uma prática infeliz que vamos encontrar nas diversas instituições e níveis do governo e nas elites sociais de ontem e de hoje.



CAPÍTULO 2

CATINGUEIRA

*Tenho pena de deixar
A serra da Catingueira
A Fazenda Bela Vista
A maior dessa ribeira
O Riacho do Poção
E as quebradas do Teixeira*

– Inácio da Catingueira

Catingueira é um pequeno município do sertão do Estado da Paraíba, distante 356 quilômetros da capital João Pessoa. É a primeira cidade do Vale do Piancó, para quem vai da capital, e, de acordo com o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE-2020, (<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/catingueira/panorama>, visita em 12, Out., 2020), tem uma população estimada de apenas 4.935 habitantes. Cidade pequena, mas sua história tem início já no séc. XVIII.

Catingueira e o seu entorno

Wilson Nóbrega Seixas em seu livro “Viagem Através da Província da Paraíba” faz uma recompilação dos diários escritos pelo Jornal “O Imparcial”, produzido e distribuído na capital pelo Partido Conservador. Os diários descrevem detalhes e objetivos da viagem do “Presidente da Província” o Conservador Luiz Antônio da Silva Nunes, realizada em 1860. Era a primeira vez que um governador viajava por todo o Estado:

Dominado por esse desejo, o Sr. Silva Nunes... resolveu viajar ao Sertão da Província, indo às localidades mais longínquas e importantes para, pessoalmente, ver e observar como corriam os negócios públicos, principalmente “com vistas a remover todos os obstáculos que se oferecessem à marcha regular da administração e de decidir com conhecimento próprio, as reclamações provenientes do exercício das leis” (SEIXAS, 1985: p. 17).

O mérito de um governador percorrer o Estado pela primeira vez é acrescido de dois aspectos importantes: o fato de que o seu Partido Conservador não estava no poder e o fato de que ele buscava a conciliação entre Conservadores e Liberais, conforme Seixas:

Tudo empreguei por acalmar as ruins paixões que se desenvolviam. O principal incentivo a elas na ocasião da minha chegada a esta Província, era a imprensa, onde



se debatiam dois órgãos das opiniões públicas em que se dividia a Paraíba. Discussões irritantes, ditos ofensivos, injuriosos azedavam cada vez os ânimos, que entretanto se foram mais acalmado, desde que conheceram que nem a uns nem a outros daria o governo o maior prestígio e força (SEIXAS, 1985: p. 21)

Como já vimos, a Paraíba estava enfrentando crises no mercado internacional, mas a produção algodoeira paraibana alcançava ascensão justamente naquele ano de 1860 (OLIVEIRA, 2007). Diante desse quadro, o governador Silva Nunes buscava conhecer as estradas estaduais para melhorar suas condições de tráfego e buscava otimizar as estruturas físicas e legais dos municípios, visando estabelecer novas relações comerciais com a capital e, assim, otimizar o fluxo das comunicações e do comércio com a metrópole. Com isso, sendo o governador muito rigoroso com relação às verbas públicas, certamente ele estabeleceria novos regulamentos para coibir o tráfico ilegal de cativos e a prática do clientelismo político, já forte naquela época, como podemos depreender das palavras do governador:

No pouco tempo que tenho de administração, tenho procurado fazer para os diversos lugares, de qualquer ordem que sejam, escolha de pessoas aptas para os ocuparem, tendo unicamente em atenção o merecimento e as habilidades de cada um, e não dando o menor valor às ideias políticas que professem, nem aos interesses particulares que representem (SEIXAS, 1985: p. 50).

Apesar de combatido desde esta época, o clientelismo é um problema que infelizmente perdura até hoje, principalmente no sertão. Mas, deixaremos esse ponto para mais adiante.

O importante agora são os registros geográficos contidos nos diários da viagem de Silva Nunes, uma vez que eles nos possibilitam identificar documentalmente a existência da Fazenda Catingueira, localizá-la na Estrada Geral do Estado e conhecer o seu entorno, além da influência deste no seu desenvolvimento.

Na época, o meio de transporte eram cavalos e mulas, o que faria a comitiva governamental enfrentar cerca de 30 dias de percurso, fazendo breves paradas para visitas e/ou descanso. Foram visitadas quatro cidades, treze vilas, diversos povoados e fazendas e engenhos, distribuídos ao longo da Estrada Geral do Estado da Paraíba.

Partindo da capital, a ordem das paradas fora a seguinte:

CAPITAL – Santa Rita – Pilar – Ingá – Campina Grande – Cabaceiras – São João do Cariri – Teixeira – **Fazenda Catingueira** – Piancó – Souza – Catolé do Rocha – Pombal – Patos – Santa Luzia – Alagoa Nova – Areia – Bananeiras – Independência – Mamanguape – **CAPITAL**.

A cidade do Teixeira, estando na rota dos viajantes oitocentistas, tornara-se um “celeiro de alimentos” e uma referência no Estado na produção do algodão (DANTAS &



DANTAS, 2008). Por esta razão e por estar próximo a Teixeira, a Fazenda Catingueira também era valorizada. Por outro lado, esta fazenda se situava no encontro do Vale do Espinharas com o Vale do Piancó, outro fator de valorização de sua localização. Sobre esta fazenda Seixas diz que era a “*propriedade do Sr. Pedro Firmino da Costa... Nesta fazenda há açude, casa de vivenda coberta de telha com copiar e bem espaçosa*” (SEIXAS, 1985: p. 80).

Alem de Teixeira, no seu entorno também se situavam Piancó, Pombal e Patos. Assim, para entendermos Catingueira, precisamos entender a influência desse entorno para o seu desenvolvimento.

Começemos pelos dados relativos ao quantitativo de habitantes livres e escravos nestas cidades (com exceção de Teixeira), nos anos de 1852 e 1872:

1852	LIVRES	ESCRAVOS	%
Pombal	4.183	915	20,2
Piancó	7.894	997	12,2
Patos	-	544	-
1872	LIVRES	ESCRAVOS	%
Pombal	11.800	1.800	10
Piancó	13.057	612	4,7
Patos	13.265	830	6,2

Fonte: GALLIZA, 1979: pp. 83-4

Como podemos ver, o número de escravos das principais cidades do entorno de Catingueira era bastante alto, o que implica a existência de uma forte economia local e um trânsito comercial significativo entre estas cidades, e é este contexto geopolítico e econômico que propicia o surgimento do então Povoado de São Sebastião, situado exatamente na intersecção destas localidades e sub-regiões dos vales de Piancó e do Espinharas.

Pedro Velho e Joana Maia

Conforme Luiz Nunes (1979) e Wilson Seixas (1985), Catingueira teve sua origem no século XVIII, a partir da Fazenda Catingueira, que fora fundada por Pedro Velho Barreto no sopé da Serra Branca, hoje chamada Serra da Catingueira. E, segundo a plataforma online denominada Sesmária do Império Luso-Brasileiro, SILB (<http://www.silb.cchla.ufrn.br/sesmaria/PE%200108>, visita em 25, Out., 2020), este senhor obteve sua sesmária em 10 de outubro de 1727, em solicitação expedida em Pernambuco para a Coroa Portuguesa, na qual alegava que as terras eram devolutas, ou seja, sem ocupantes ou sem dono.



O problema das terras devolutas se deu porque os primeiros colonizadores do sertão, principalmente a família Ávila, da Bahia, tinham terras em excesso e não davam conta de ocupá-las e nem mesmo de delimitar suas posses. Sendo assim, os Ávila arrendavam suas terras para quem quisesse ocupar e produzir, o que mais tarde provocaria conflitos com os arrendatários, obrigando a Coroa Portuguesa a redefinir o sistema de sesmarias em 1753, conforme Chaves Barbosa:

No sistema de sesmarias, o cultivo era requisito elementar, e foi o fundamento que amparou os cultivadores efetivos da terra, encontrando seu apoio legal por meio da carta régia de 20 de outubro de 1753. Esta, enviada por D. Jose I a Luis Correa de Sá, governador de Pernambuco, surgiu como forma de solucionar problemas de posseiros e sesmeiros (BARBOSA, 2013: p. 10)

Como em 1727 esta redefinição ainda não havia sido feita, a sesmaria de Pedro Velho havia sido concedida dentro do antigo sistema, ou seja, sem limites claros e, por esta razão, ocupava uma grande extensão de terra que, em comprimento, provavelmente partia da Fazenda Jerimum (hoje município de São José do Bonfim), no lado oeste da Serra da Borborema, e ocupava toda a lateral sul da Serra Branca (Serra da Catingueira) até chegar à Serra do Campo Grande (hoje pertencente ao município de Emas). Não saberíamos definir a sua largura. De acordo com Wilson Seixas (1985) a Fazenda Jerimum teria sido fundada por Pedro Velho e, possivelmente, esta tenha sido sua primeira fazenda na localidade.

Pedro Velho teve a concessão da sesmaria em 1727 e, provavelmente, nesta data ele já contava com uns 20 anos de idade, em média, e como ele já houvera falecido em 1757, é provável ter vivido cerca de 50 anos, o que estaria dentro da média da época. Não se sabe a data do seu falecimento, mas Irineu Joffily corrobora a informação de sua morte naquele período específico quando menciona que Pedro Velho já não estaria entre os vivos em 1765:

...uma legoa de largo para o norte, que contesta com o lugar chamado Porsina (?) terras do defuncto Pedro Velho Barreto, cujas aguas desagoão para o rio das Piranhas e Piancó, termo desta capitania e fazendo da largura comprimento e do comprimento largura. O governador Jeronymo José de Mello Castro fez a concessão requerida aos 24 de Fevereiro de 1765 (JOFFILY, 1893: p. 172).

Em 1757 sua sesmaria foi requerida e concedida à viúva Joana da Maia [ou Joana Maia], conforme a plataforma SILB (<http://www.silb.cchla.ufrn.br/sesmaria/PB%200452>, visita em 25, Out., 2020). Mas, observando os limites da sesmaria de Joana Maia, descritos na referida plataforma online, podemos ver que sua propriedade ocupava apenas uma parte da sesmaria do marido, sendo as outras partes ocupadas pelos filhos do defunto. De acordo com Wilson Seixas:

Segundo consta, com sua morte, a viúva Joana da Maia da Rocha ficou como tutora dos seus filhos órfãos, tendo nomeado como seus procuradores, no sertão, aos seus



genros Manoel Moreira d'Alto e João Pereira de Oliveira, os quais requereram e obtiveram a confirmação de suas terras... (SEIXAS, 1985: p. 146).

Esta fala de Seixas nos fornece algumas informações importantes.

A primeira, é que a viúva Joana ficara como tutora dos filhos do falecido, o que parece demonstrar que ela seria madrasta, e não a mãe legítima. A segunda, é que as filhas já eram casadas, visto que Joana delegou procuração aos seus genros. A terceira, é que, como as filhas eram casadas, provavelmente elas já eram adultas. A quarta, é que mãe e filhos requereram sesmarias, informação que é corroborada pela plataforma SILB:

A sesmaria principiava-se no riacho do Cavalo, que confrontava com outros sítios dos filhos da requerente, Joana Maia Martins. A leste, a sesmaria confrontava com os sítios dos filhos da requerente. A oeste, a sesmaria confrontava com o sítio Várzea do Ovo. Ao norte, a sesmaria confrontava com o serrote do Campo Comprido do Saco, que confrontava com a Serra Branca e o olho d'água do Macaco. Ao sul, a sesmaria confrontava com a serra da Borborema – Plataforma SILB

A que conclusões estas informações nos possibilitam chegar?

Partindo do fato de que a concessão da sesmaria a Pedro Velho fora feita em 1727, certamente o seu casamento com Joana Maia ainda não poderia haver ocorrido devido a que, em 1856, ela ainda estaria viva, conforme Seixas (1985), e, portanto, estaria com mais de 129 anos de idade, o que seria impossível. Isto nos leva a algumas hipóteses: I- que Joana não seria a primeira esposa de Pedro Velho; II- que Pedro Velho já teria filhos ao se casar com Joana; III- que Pedro Velho seria bem mais velho que Joana; IV- que Joana Maia ficara viúva muito jovem; V- que a morte do marido dividira a família por causa da herança; VI- que Joana Maia requerera uma sesmaria para si com o objetivo de garantir a herança para seus filhos legítimos; VII- que a sesmaria de Pedro Velho se dividira em duas partes: a dos seus filhos do primeiro casamento e a dos seus filhos com Joana Maia; VIII- que a morte do marido teria feito Joana Maia sair da Fazenda Catingueira; IX- que Joana Maia, sendo jovem, houvera se casado novamente e constituído nova prole. Estes dados são importantes para que possamos entender muitos fatos aqui relatados, os quais são comentados a seu tempo.

Conforme a citada plataforma online, a sesmaria de Joana Maia tinha o nome de Sítio da Serra e, seguindo a descrição, acima, de sua localização, temos o indício de que a Fazenda Catingueira situava-se fora dessa propriedade, o que pode indicar que Pedro Firmino, dono da fazenda, seria seu enteado.

Na justificativa do requerimento de Joana, ela diz que há muito tempo já ocupava aquela terra, onde tinha curral e gado, mas que não possuía o seu devido título. Isto é um possível indício de que a família estaria se dividindo, uma vez que o novo sistema de



concessão de sesmarias fora criado em 1753, quatro anos antes do seu requerimento de 1757. Ou seja, supomos que, se o motivo fosse só a mudança do sistema, o requerimento poderia ter sido feito antes. E, em se considerando que a resolução de problemas no século XVIII requeria muito mais tempo do que nos dias atuais, nos perguntamos o porquê de Joana fazer um requerimento independente dos de seus filhos, uma vez que não era comum, nem seguro, que uma viúva sozinha tomasse cargo de uma fazenda no sertão, uma região herma e perigosa, tendo em vista que: *“Diante da ausência de agentes ligados ao Estado, os sertões propiciavam a presença de criminosos e desordeiros”* (SOARES e FILHA, 2013: p. 95). Uma possível resposta é que ela seria a madrasta.

Outros indícios de divisão da família podem ser detectados, tais como a diversidade de sobrenomes da família – Pedro Velho Barreto, Joana Maia da Rocha, Pedro Firmino da Costa, Francisco Alves de Abreu... -, e a menção da colaboração família de Pedro Firmino com a construção da capela. São fatos que se entrelaçam e exigem maiores pesquisas em materiais primários, coisa a que ainda não temos acesso.

A Fundação de Catingueira

Conforme Wilson Seixas: *“Deve-se a Pedro Velho Barreto a colonização e fundação do hoje município de Catingueira”* (SEIXAS, 1985: p. 146), fundação esta marcada pelo seguinte fato:

Ainda vivia, em 1856, dona Joana, quando irrompeu em toda a Província uma epidemia do “cólera-morbus”, tendo uma filha daquela senhora feito uma promessa a São Sebastião que, se Catingueira saísse livre daquele mal, faria uma doação de terra para patrimônio da capela a ser ereta com aquela invocação. A graça foi alcançada, mas a doação só se verificou mais tarde depois da morte de dona Joana da Maia, através do filho Francisco Alves de Abreu, na presença do padre Herculano. A família de Pedro Firmino da Costa também contribuiu em favor da construção da capela (SEIXAS, 1985: p. 146-7).

No século XVIII Catingueira era apenas um agrupamento de casas de taipa que, posteriormente, seria denominado Povoado de São Sebastião devido à construção de uma palhoça no local, dedicada a esse santo, que servia de capela para eventuais missas celebradas pelo pároco de Piancó ou por algum missionário da região. O povoado pertencia a Piancó e estava localizado a leste deste município, no caminho que leva à capital.

Também Luiz Nunes relata sua hipótese acerca da origem de Catingueira atribuindo-lhe os mesmos fatos fundacionais apresentados por Seixas, quais sejam: a existência da Fazenda Catingueira, o surto do cólera, a promessa a São Sebastião e a doação do terreno à Igreja:



A cidade de Catingueira teve a sua origem na fazenda organizada por Pedro Velho Barreto em meados do século XVIII, nos sertões de Piancó. Na segunda década do século passado começou a adquirir expressão urbana com a construção das primeiras casas da povoação. Localizada às margens da estrada que liga as regiões de Piancó e Espinharas foi, aos poucos, se beneficiando da condição de pousada dos que transitavam por ali. A cura de uma pessoa acometida de cólera morbo, resultante de uma promessa feita a São Sebastião por um descendente de Pedro Velho Barreto, motivou a construção da capela que tinha como orago o santo a quem se atribuíram os milagres (NUNES, 1979: p. 23)

Nunes, no entanto, atribui a denominação da cidade não à Fazenda Catingueira, mas à suposta existência no povoado de São Sebastião de uma árvore chamada catingueira, sob a qual os viajantes dos vales do Espinharas e do Piancó aproveitariam a paragem sombreada para descansarem.

Esta hipótese nos parece improvável, uma vez que carece de dados concretos e documentos históricos que possam corroborá-la. Nossa hipótese é que o nome da cidade também teria origem na Fazenda Catingueira, e os dados compilados neste trabalho indicam isso. Veja a seguir um resumo geral desses dados:

- a) Por volta de 1727 a fazenda de nome Catingueira é a segunda propriedade erigida na sesmaria de Pedro Velho (a primeira foi a Fazenda Jerimum);
- b) Em 1757, ano do repasse da sesmaria para Joana Maia, é construída uma palhoça dedicada a São Sebastião no povoado que receberia o mesmo nome; anos mais tarde a palhoça se tornaria uma capela, o que daria uma certa oficialidade ao Povoado de São Sebastião;
- c) Em 1887 o povoado passa à categoria de distrito e é legalmente denominado São Sebastião da Catingueira, uma mescla do nome da fazenda com o nome do povoado;
- d) Em 1890 um deputado muda o nome do distrito para Jucá;
- e) Em 1938 a má recepção do nome Jucá faz com que o distrito seja redenominado, agora, para Catingueira.

Fazendo uma leitura correlacionada desses pontos, podemos concluir que: se a Fazenda Catingueira iniciou a povoação do lugar, onde surgiria um povoado com outro nome e, depois, seu nome “Catingueira” seria acrescentado ao nome do povoado, sendo acolhido pela população que, mais tarde, o denominaria apenas como CATINGUEIRA, então fica evidente que o nome da cidade tem origem na fazenda, e não em uma suposta árvore de mesmo nome.

O Sítio Pedro Velho hoje denomina o lugar onde era a Fazenda Catingueira, mas o local está totalmente diferente do que era no século XIX; ainda há um açude, mas da “casa de vivenda coberta de telha com copiar e bem espaçosa”, como descreve em 1860 o Jornal O Imparcial, dela só restam alguns tijolos e telhas rústicas espalhadas pelo chão. Não obstante, ainda é possível encontrar um curral de pedra em excelente estado, certamente construído por



Pedro Velho, situado na ponta leste da Serra da Catingueira, onde fica hoje o Sítio Tapera, e tem dimensões gigantescas: cerca de um quilômetro de comprimento, do pé da Serra até a estrada, e dois de largura, paralelos à mesma estrada.

Enfim, estamos de acordo com que a origem da cidade seja a Fazenda Catingueira, mas defendemos que o seu nome também tem a mesma origem.

A pergunta que fica é: por que a fazenda teria cedido o seu nome à cidade? Ou seja, a questão agora não seria mais saber a origem da cidade ou do seu nome, mas o porquê desse nome, e já dissemos que não concordamos com que seja a suposta árvore proposta por Luiz Nunes. Para responder a esta questão, vejamos algumas hipóteses de motivos para que a fazenda cedesse seu nome à cidade.

O primeiro motivo seria a saída de Joana Maia da fazenda que, após a morte do marido, solicitou novas terras para ela e seus filhos legítimos. O segundo, seria a possível decadência da fazenda após a saída de Joana que, certamente, era quem coordenava as atividades após a morte do marido. Terceiro, seria a redenominação da fazenda para Fazenda Pedro Velho, como forma de a família manter a lembrança do fundador. E quarto, seria por causa da fama de Inácio da Catingueira, fama esta que mantivera viva na memória do povo a denominação de CATINGUEIRA.

Mais adiante voltaremos a esta questão.



CAPÍTULO 3

INÁCIO DA CATINGUEIRA

- *Ninguém, hoje, escreve a história de Catingueira sem falar de Inácio*

- *Hoje o escravo é mais admirado que o seu senhor*

– Padre Manoel Otaviano

Uma sociedade paraibana oitocentista que não reconheceu a escravidão em seu meio, hoje tem como herança o constrangimento de ter como um dos ícones da cultura popular brasileira a figura de um negro escravo que viveu e morreu em um dos seus pequenos povoados do sertão, seco e abandonado pelo poder público da época.

Inácio nasceu em 1845 e sua mãe era Catarina (NUNES, 1979), uma mulher negra que foi sequestrada do seu povo africano para ser vendida como escrava a um fazendeiro do sertão paraibano e, como a Lei do Ventre Livre ainda não existia, ele nasceu também na condição de escravo, mas sua força interior, própria de grandes espíritos, não o deixaria sucumbir à lógica escravista perversa e desumanizadora, e o transformaria no grande Inácio da Catingueira, O Catingueira.

Inácio era dono de uma índole extrovertida e pacífica, e de uma incrível capacidade para aprender e criar, o que lhe tornara um excelente artista que encantava a todos que presenciavam suas apresentações nas feiras do Povoado de São Sebastião e das vizinhas cidades de Patos e Teixeira, onde vendia os produtos da fazenda do seu senhor.

Apesar da historiografia paraibana negacionista da escravidão, O Catingueira entraria para a história através da memória popular, que não esqueceria aquele personagem incrível e cativante, transformando suas lembranças em livros, produzidos por pesquisadores do folclore e da cultura brasileiros, imortalizando Inácio na nossa literatura.

Inácio na Literatura

Diferentes autores falam da existência de Inácio da Catingueira, dentre eles Câmara Cascudo, Padre Otaviano, Luiz Nunes, Linda Lewin e Graciliano Ramos. Esta literatura específica é escrita a partir da memória popular de 1870, que registrou alguns versos de Inácio na sua única peleja com Romano, e também a partir das poucas e desconstruídas informações sobre o poeta e a sua vida. Isto já seria o suficiente para comprovar a existência histórica



desse personagem, mas também constitui uma grande limitação para a realização de pesquisas mais aprofundadas sobre ele. Não obstante, estes autores tentam dar uma resposta ao fato de a história de Inácio ter sobrevivido a mais de 150 anos passados, desde aquele evento realizado em Patos.

O que explicaria esse fenômeno? Vejamos o que os citados autores nos dizem e, depois, o que podemos acrescentar.

Começando por Luiz Nunes, podemos verificar que esse autor vê no escravo Inácio um talento excepcional que, não obstante a diferença gigantesca entre escravo e senhor - que implicava uma condição dramática no século XIX -, ele põe o escravo em perfeita igualdade com o fazendeiro, dono de escravos, e nos diz:

A cantoria realizada na antiga vila de Patos, se não foi tão prolongada no tempo, como quiseram alguns, ficou gravada para sempre na memória da gente sertaneja como acontecimento maior no gênero, em razão da reconhecida fama e assombrosa participação de excepcionais cantadores (NUNES, 1979: pp. 33-4).

Câmara Cascudo, por sua vez, elogia bastante o escravo, falando de suas qualidades, e nos diz que Inácio foi um:

Cantador lendário e citado orgulhosamente por todos os improvisadores do sertão. Seus dotes de espírito, a rapidez fulminante das respostas, a graça dos remosques, a fertilidade dos recursos poéticos, a espantosa resistência vocal, ficaram celebradas perpetuamente. Sendo negro e analfabeto, não trepidou enfrentar os maiores cantadores de seu tempo, debatendo-se heroicamente e vencendo quase todos. Foi o único homem que conseguiu derrotar Romano da Mãe d'Água, depois de cantarem juntos oito dias em Patos, luta que é a página mais falada nos anais da cantoria sertaneja (CASCUDO, 1939: p. 257).

Padre Otaviano, embora ainda refletindo a mentalidade racista da época, busca infundir uma reflexão crítica acerca das condições do escravo, e nos diz:

Por isso, estamos aqui reunidos, em torno de uma inteligência, bárbara sim, mas as suas chamas o vento do passado não conseguiu engolir. Inteligência que brilhou no cérebro de um escravo que, hoje, é maior e mais admirado do que o seu senhor. Aquele, grande e este, pequeno, humilhado pelo sainete aviltante da escravidão, é quem merece palmas da posteridade. Glorifica-se o escravo, e do senhor não se fala. (...) Ninguém, hoje, escreve a história de Catingueira sem falar de Inácio. Um negro cativo que imortalizou a sua terra! (OTAVIANO, 1948: p. 8).

Linda Lewin, uma escritora norte-americana que esteve em Catingueira para pesquisar a vida de Inácio e, segundo ela, teve acesso direto aos muitos documentos em poder dos descendentes do dono do Inácio, ela situa Inácio no contexto das grandes mudanças por que passava a região, provocadas principalmente pelas revoltas populares da segunda metade do século XIX:

Por que a coragem e audácia de Inácio nunca foram esquecidas? A memória coletiva indelevelmente registrou a essência do Texto Catingueira, mais do que do Texto



Teixeira, porque se deu em sintonia com o momento histórico em Patos. As réplicas de Inácio agradaram um público em massa que havia começado a experimentar mudanças fundamentais na ordem social prevalecente, baseada historicamente nos “*brancos da terra*” que, enquanto proprietários de escravos, impunham uma deferência social externa, senão uma obediência interna. A receptividade popular à refutação de Inácio ao desdém aferroado de Romano merece, portanto, ser interpretada à luz da mudança social no sertão nos anos de 1870 (LEWIN, 1998: p. 20).

Como podemos ver, os autores nos falam de **igualdade** entre os dois cantadores, ressaltando as qualidades incomuns do escravo demonstradas nos versos da peleja com Romano, mas eles permanecem presos à narrativa advinda da memória popular, ou seja, sem conseguirem se aprofundar em questões que dizem respeito à **desigualdade** que separava os dois poetas, tais como a situação familiar, a supressão da liberdade, a fome, a insegurança, o medo de castigos, a imposição do trabalho pesado, etc. Isto é compreensível, tendo em conta que lhes faltam materiais mais apropriados para esse tipo de abordagem. Só Linda Lewin entra um pouco no contexto sociopolítico, chegando a sugerir que Inácio teria influenciado indiretamente a revolta popular do Quebra-Quilos. Mas, só.

Sendo assim, de um modo geral os autores argumentam que Inácio sobrevivera na história, por um lado, graças ao seu incrível talento e, por outro, graças ao contexto de fama que ele adquirira com o seu trabalho. Estas considerações são excelentes e, com certeza, nos oferecem uma boa explicação para o fenômeno da sobrevivência histórica de Inácio. Porém, queremos acrescentar outros elementos importantes, em se considerando ser este humilde trabalho uma contribuição no âmbito da referida literatura específica.

Primeiro, considerar que, a partir dos dados históricos aqui compilados, podemos afirmar que Inácio, desde menino, vivia em contato com os mercadores ambulantes do sertão que passavam pela Fazenda Catingueira e pelo povoado São Sebastião, locais que lhes serviam de apoio e descanso, e, dessa forma, Inácio obtinha informações e notícias do que acontecia no Estado e no país. Segundo, considerar que esse contato do menino com essa gente tarimbada em negociações e vendas, certamente desenvolveria nele a capacidade de raciocínio rápido e a negociação inteligente, elementos fundamentais para o seu trabalho de repentista vendedor. Terceiro, considerar que, adquiridas essas novas capacidades, aliadas ao seu jeito brincalhão – característica da etnia africana e, hoje, dos repentistas emboladores -, Inácio teria conseguido desenvolver o seu modo particular de trabalhar através da criatividade musical e da simpatia. E, finalmente, considerar que, em assim sendo, tais qualidades do escravo transformariam, com o tempo, os seus clientes em público assistente, o que lhe renderia a admiração de todos e o conseqüente crescimento da sua fama:



Inácio da catingueira não se tornou conhecido somente no sertão do seu nascimento. A sua fama de repentista varou o Estado, foi ao Ceará, ao Piauí, ao vale do Amazonas e se derramou para o sul, para Pernambuco, Alagoas, Bahia e o resto do Brasil (OTAVIANO, 1948: p. 9).

Assim, concordamos com que o **talento** e a **fama** foram realmente fundamentais para a sobrevivência histórica de Inácio, mas acrescentamos que tais qualidades foram adquiridas com esforço, trabalho, persistência e esperança dele. Ou seja, em outras palavras, compreendemos que ele tinha uma excelente **autoestima** e **autoconfiança** que, aliás, ele mesmo o afirma em um dos seus versos, ao se autodefinir como “Negro confiado”:

O sinhô me chama negro
Pensando que me acabrunha
O sinhô de home branco
Só tem os dente e as unha
A sua pele é queimada
Seu cabelo é testemunha

Na verdade, seu Romano
Eu sou negro confiado!
Eu negro e o sinhô branco
Da cor de café torrado!
Seu avô vêi ao Brasil
Para ser negociado

Inácio também precisava ter uma capacidade gigante para aceitar com resignação a sua condição de escravo, o que, para tanto, ou ele teria uma família - irmãos e filhos, além da mãe Catarina - que poderia sofrer ameaças para impedir que ele cometesse falhas, ou ele teria uma forte crença religiosa, baseada no perdão e no amor, ou finalmente ele teria as duas coisas ao mesmo tempo.

De fato, alguns autores, como Luiz Nunes e Padre Otaviano, falam da existência de parentes de Inácio e, por isso, ele provavelmente se submeteria às imposições dos seus senhores por temer represálias. Por sua vez, o próprio Inácio dá a entender que ele fora um fiel da Igreja Católica: “*Sou vigaro, capelão / E sacristão da matriz*”. Por isso, sua resignação poderia advir dos valores morais do Cristianismo.

Mas, o fato incontestável é que suas qualidades pessoais eram ímpares e em grau superlativo, tais como a alegria contagiante, a energia positiva, a criatividade, a poesia metricamente perfeita e o discurso sem revides ou agressões. Veremos isso mais adiante nos seus versos.

A Terra do Escravo Inácio

Em 1887, oito anos após a morte de Inácio, o povoado de São Sebastião passara a ser o Distrito de São Sebastião da Catingueira (NUNES, 1979). Ao que tudo indica, essa mudança seria para homenagear a antiga Fazenda Catingueira, não para homenagear a Inácio, tendo em vista o negacionismo da escravidão na sociedade paraibana. Porém, uma homenagem ao poeta seria justificável, uma vez que O Catingueira era assim já conhecido



desde 1870 pelo próprio Romano e, por sua vez, era afirmado pelo próprio Inácio, como vemos:

ROMANO:

Coitadim de Catingueira
Aonde vêi se socar
Dentro de uma mata escura
Onde não pode enxergar
Ele vêi por inocente
Não volta sem apanhar

INÁCIO:

Seu Romano inda não viu
De Catingueira o arranco
Se pensa que dá em mim
Eu quero lhe falá franco
Abra o olho, limpe a vista
Nêgo também dá em branco

Mas, em 1890, três anos após o povoado ser denominado Distrito de São Sebastião da Catingueira, o deputado republicano coronel Firmino Ayres Albano da Costa mudaria, por força de lei, a sua denominação para Distrito do Jucá. Este ato seria interpretado pelo padre Otaviano como uma tentativa de desvincular da localidade a figura do escravo Inácio, como podemos depreender de suas palavras:

A esta vila de Catingueira um dia lhe mudaram o nome para Jucá. A desgraçada da política é que tem desses planos aberrantes das coisas justas. Nem os mais célebres monumentos históricos ela respeita. O Brasil atual é grande atestado do que afirmo. Há mudanças absurdas que se tornam criminosas. Atentados dos mais bárbaros ao nosso passado histórico, ofuscando-se tantas glórias para se perpetuar a memória execranda de inimigos do povo (OTAVIANO, 1948: p. 33).

Essa mudança, a nosso ver, tanto poderia evidenciar a hipótese do negacionismo, o que daria razão a Otaviano, como poderia evidenciar também a nossa hipótese da divisão da família Pedro Velho, já mencionada anteriormente. Porém, o mais importante aqui é perceber que, para além do legalmente estabelecido, o fato é que a memória popular já havia consagrado o nome “Catingueira” não só para o Distrito, como também para a Serra, antes chamada de Serra Branca. Dessa forma, à revelia da “desgraçada política”, como afirma Otaviano, mais tarde o distrito seria redenominado como Catingueira.

No próximo capítulo conheceremos mais esse coronel Firmino.



CAPÍTULO 4

A PELEJA

*Seu Romano, eu lhe garanto
Que resisto ao seu martelo
Ao talho do seu facão
Ao corte do seu cutelo
Se eu morrer na peleja
Lhe vencerei no duelo*

- Inácio da Catingueira

É consenso entre Luiz Nunes, Linda Lewin e Padre Otaviano que o arranjo para que Inácio desafiasse, em cantoria, ao renomado violeiro Romano, fazendeiro de Mãe d'Água, então distrito de Teixeira, teria sido costurado principalmente pelo já mencionado coronel Firmino Ayres Albano da Costa. Aliás, certamente seria esta intervenção do coronel o principal motivo para que uma rua da cidade atualmente tenha o seu nome.

Mas, qual teria sido o motivo para que ele promovesse a cantoria? Haveria alguma razão política por trás disso, ou o interesse do coronel era a promoção de Inácio e da cultura local?

Como podemos supor, a ascensão do escravo Inácio certamente não seria o seu objetivo, como vamos perceber a seguir, muito menos a promoção da cultura local, tendo em vista que, se a valorização da cultura ainda hoje é difícil, imagine em 1870!

Analisemos melhor.

O Ano da Realização

O Padre Otaviano afirma que a cantoria teria ocorrido em 1874, enquanto que Luiz Nunes diz que ocorrera em 1870. De nossa parte, vamos concordar com Nunes, por três razões que passamos a descrever.

A primeira razão nos é fornecida pela fala de Linda Lewin: “*Depois da morte de Ana Joaquina, em 1875, Inácio ganhou uma nova e última proprietária, sua filha Pastora Maria do Amor Divino*” (LEWIN, 1998: p. 6). Aqui, podemos deduzir que Manoel Luiz, pai da herdeira, havia falecido antes de 1875 porque, se ele estivesse vivo, evidentemente sua filha não herdaria o escravo, uma vez que este lhe pertencia. E, estando Manoel Luiz morto, certamente o sinistro não teria lugar antes da peleja, uma vez que Inácio diz: “*Sou Inácio da*



Catingueira / Escravo de Mané Luiz”, o que demonstra que ele estava vivo por ocasião daquele evento. Assim, ele não podia estar morto em 1874, ano sugerido por Otaviano como data da peleja, nem podia estar vivo no ano seguinte, em 1875, data da morte da esposa. Ou seja, seria muito improvável acontecer a peleja nesse período.

A segunda razão seria o fato de que o ano de 1874, prévio à morte de Ana Joaquina, provavelmente houvera sido bastante tenso porque, por um lado, certamente o seu estado de saúde demandava muitos cuidados médicos, o que não era nada fácil no sertão daquela época e, por outro lado, esta situação de iminência de morte da matriarca naturalmente estaria movimentando a família no sentido de providenciar os acertos a despeito da herança familiar.

A terceira razão está relacionada à herança familiar. Naquele período de 1870 a 1875, um escravo com as características de Inácio (jovem e saudável) estava avaliado no mercado interprovincial entre 1 conto e 700 mil réis a 2 contos e 200 mil réis, valores que variariam sempre para cima nos anos seguintes, conforme mostramos no primeiro capítulo. Esse escravo – portanto, um bem material -, caro como estava, naquele ano de 1874, prévio à morte de Ana, provavelmente não seria liberado para frequentar cantorias e passar dias fora da fazenda. Por isso, certamente ele estaria trabalhando pesado para cobrir os gastos com a doença da enferma ou para atender a mandados diversos.

A quarta e última razão é o fato de que o ano de 1874 é a data da Revolta do Quebra-Quilos, a maior das revoltas populares daquela década de 1870, o que torna improvável um evento de caráter “aboliconista” nesse período de contestação das elites sociais. Trataremos mais desse aspecto no item a seguir.

Enfim, as evidências apontam a que, primeiro, a peleja realmente ocorrera em 1870 e, segundo, que a morte de Manoel Luiz tivera lugar entre 1870 e 1875, nem antes nem depois.

Os Acertos

A disputa poética entre Inácio e Romano ocorreu em Patos, sertão da Paraíba, ao lado da antiga Matriz, no ano de 1870. O arranjo para esse evento, como dissemos, fora feito por Firmino Ayres, e nos perguntávamos pelos motivos que o podiam ter levado a promover aquela cantoria.

Para nós, provavelmente o deputado e coronel Firmino Ayres fora impulsionado pelas circunstâncias – ou conveniências – políticas e sociais de sua época. Vejamos.



Em primeiro lugar, naquele ano de 1870 o coronel era um líder do Partido Liberal na região, um Partido que há dois anos, em 1868, havia perdido o poder no império e, com isso, estava amargando a ascensão do opositor Partido Conservador, que ainda ficaria no poder até 1878! Ou seja, os Conservadores chegaram com muita força e, por sua vez, os Liberais teriam que ter estratégias eficientes para enfrentá-los.

Por isso, o coronel deveria seguir a orientação nacional dos Liberais, no sentido de forjar na sua região um programa reformista - e populista - para minar a credibilidade dos opositores perante a opinião pública. Assim, conforme esta diretiva nacional, os Liberais deveriam apoiar, inclusive, revoltas de grupos populares que vinham eclodindo desde 1851, a partir de Pernambuco, com o chamado Ronco da Abelha, em que lavradores, revoltados com o governo, atacavam fazendas (MONTEIRO, 1987). De acordo com Arruda Mello:

Embora aparentemente irrelevante, o Ronco denunciava temperatura social em ebulição. Em seu rastro, a 5 de maio de 1865, sobreveio conflito em distrito da serra de Bananeiras. Inquietos com o sistema de recrutamento, acentuado em razão da Guerra do Paraguai, dezenas de camponeses amotinaram-se, enfrentando destacamento que conduzia voluntários para a Guarda Nacional. Três foram arrebatados, enquanto a força policial apressadamente buscava reforços (MELLO, 2014: p. 120-1).

Estes movimentos populares durariam vários anos, chegando ao seu auge na década de 1870, quando do surgimento da Revolta do Quebra-Quilos, que duraria de 1874 a 75. Sobre esta revolta, Arruda Mello diz que:

Na Paraíba, essa resistência assumiu a forma de tumultos em que roceiros, armados de pedras, bacamartes e clavinotes, invadiram vilas e cidades como Ingá, Campina Grande, Alagoa Nova, Guarabira, Areia e Fagundes, dirigindo-se, preferencialmente, aos cartórios. Estes, de acordo com a nova legislação, responsabilizavam-se por registros e óbitos, a cargo, anteriormente, da Igreja. Os sacerdotes começaram a pregar contra o registro civil, alcunhado “papel de satanás”, o que aumentou a tensão (MELLO, 2014: p. 120).

Os Liberais, supostamente apoiando os protestos populares, queriam apenas enfraquecer os Conservadores e, assim, retomar sua hegemonia no governo imperial, ou seja, a verdade era que: “*Diante da revolta popular, as elites se reconciliavam para manter o controle da situação*” (MONTEIRO, 1987: p. 22-3).

É esse contexto de interesses políticos em que se insere o apoio do deputado Liberal, o coronel Firmino Ayres à peleja poética de Inácio.

Em segundo lugar, havia o já comentado fato de que Inácio, um escravo do simples Povoado de São Sebastião já havia conquistado muita fama na região como poeta-cantador, tanto que o povo julgava que ele seria capaz de desafiar ao também famoso Romano do



Teixeira, como afirma o padre Otaviano: “*Os habitantes deste e dos municípios vizinhos ansiavam por um encontro de Romano com Inácio*” (OTAVIANO, 1948: p. 11).

Ora, como esta situação, com certeza, era uma afronta à ordem social e política do governo Conservador, isto nos faz supor que o coronel lidaria com as seguintes questões: a) como administrar uma situação em que um importante fazendeiro e famoso representante de Teixeira, cidade de aliados seus, é desafiado por um escravo oriundo do seu Povoado de São Sebastião?, b) seria possível transformar esse desafio em um evento a favor dos Liberais?, c) o coronel deveria demonstrar autoridade, aplicando um “corretivo” no escravo atrevido, ou lhe daria um palco para ele se apresentar?

Tais questões, por um lado, pareciam pôr em cheque as relações políticas e sociais do coronel Firmino, mas, por outro lado, lhe davam sim uma ótima oportunidade de pôr em prática o programa populista de reforma do Partido Liberal. Dessa forma, a realização da peleja juntava o útil ao agradável, ou seja, ao mesmo tempo em que o coronel dava a Romano a oportunidade de mostrar sua superioridade a Inácio diante do povo, reparando o estrago feito pelo escravo ao status do representante de Teixeira, ele também conquistaria a admiração da massa ao supostamente apoiá-la em sua reivindicação da realização do desafio e ao “valorizar” a um negro de sua terra. Ou seja, puro jogo político.

Por certo, o coronel fizera algum acordo com Romano para que ele aceitasse a peleja com o escravo, o que ele deixa transparecer em seus versos a seguir:

Negro, eu só canto contigo	Negro, canta com mais jeito
Por um amigo me pedir	Vê a tua qualidade
Visto me sacrificar	Eu sou branco, tu um vulto
Não me importa de ferir...	perante a sociedade
Cavo onde achar mais mole	Eu em vir cantar contigo
E bato enquanto bulir	Baixo de dignidade

Como vemos, Romano diz que só cantou com Inácio a pedido de um amigo, uma vez que aquilo seria um sacrifício e um ato que baixava a sua dignidade.

Tendo em vista que, quem faz um arranjo para algum evento é quem conversa com os personagens envolvidos, e que o principal arranjador daquele evento de Patos fora o coronel Firmino, então esta fala de Romano deixa claro que o seu referido amigo seria certamente o coronel Firmino Ayres.

Enfim, é preciso reconhecer a inteligência e a astúcia do coronel no jogo político da época, mas principalmente reconhecer a sua divulgação de Inácio para a posteridade, mesmo que involuntária.



O Resultado

Luiz Nunes e Linda Lewin analisam duas versões contrárias sobre quem houvera ganhado a peleja poética, versões que consideram a composição correta dos versos, sua métrica, o argumento e a criatividade, entre outras coisas, o que é comum e necessário fazer nessa modalidade artística.

O “Texto Teixeira” dá a vitória a Romano e o “Texto Catingueira”, claro, dá a vitória a Inácio, mas, para além do mérito desses julgamentos, ambos os autores reconhecem o feito do escravo como merecedor de ser perpetuado na história. E não seria para menos, porque, de fato, se Inácio tivesse fracassado fazendo versos sem rima ou sem poder de resposta às provocações do seu contendor Romano, com certeza o público o teria vaiado e, possivelmente, até poderiam tomar alguma atitude violenta contra ele, algo comum na época por se tratar de um escravo desafiando a um senhor. Se assim fosse, nós hoje nem saberíamos que Inácio existira.

Por esta razão, a análise técnica da atuação dos dois contendores é importante, uma vez que nos dá um quadro objetivo do resultado da peleja: quem se saiu bem e quem se saiu mal. No entanto, quando dirigimos um olhar analítico mais profundo aos personagens daquele evento e à realidade conjuntural da sociedade oitocentista na qual eles estavam inseridos, percebemos que algo mais deveria ser dito, algo que fosse além do objetivo, do técnico, e destacasse a dimensão subjetiva dos discursos ali proferidos. Dito de outra forma, seria importante analisar a autoestima e a autoconfiança que as palavras transmitem, além da superação das adversidades do ambiente: os gestos, as palavras e as reações do público presente, como parece ocorrer no verso a seguir:

Com touros e com leões
Seu Romano já brigou
Mas se o povo se acalmar
Eu hei de mostrar quem sou
Quero dar em seu Romano
Que diz que nunca apanhou

A frase “*Mas se o povo se acalmar*” demonstra um momento de euforia do povo em apoio a Romano, ao que reage Inácio dizendo que “*Eu hei de mostrar quem sou*”. Ou seja, Inácio não desanima diante da aprovação do opositor, demonstrando autoestima e autoconfiança.

Pois bem, em plena segunda metade do século XIX, num decadente sistema escravista provincial e em meio a interesses políticos dos “dotôres” do sertão paraibano, Inácio era apenas um negro escravo que cantava emboladas engraçadas nas feiras para vender os



produtos do seu senhor, mas fazia isso tão extraordinariamente bem que encantava o povo da região. Porém, por humildade, ele não levava em conta os comentários elogiosos e “bondosos” da gente simples e matuta como ele, afinal, a bem da verdade, Inácio já estava acostumado a tal expressão de carinho das pessoas que o assistiam desde que começara seu trabalho nas feiras.

No entanto, para sua total surpresa, o que parecia impossível de acontecer, aconteceu: o coronel Firmino, dono de uma das fazendas dos herdeiros de Pedro Velho, para quem ele servia, sugerira ao seu senhor que ele, o escravo, desafiasse ao próprio Romano do Teixeira, um fazendeiro e famoso violeiro da região! E agora, o que ele iria fazer? Se não obedecesse, certamente sofreria um pesado castigo, mas, se obedecesse, deveria dar o máximo de si, sem importar muito o resultado. E o escravo obedeceu.

Então, qual o resultado da peleja?

Para nós, apesar do provável fato de Inácio ter sido coagido a obedecer à ordem do seu senhor – coisa natural no sistema escravista -, ele demonstrara altivez, confiança, respeito, comedimento, inteligência, tolerância, pacificidade, criatividade, raciocínio rápido, além de excelente capacidade técnica, e tudo isso diante do famoso opositor que, ao contrário, o desprezava, agredia, desrespeitava, exigia sua submissão e era muito arrogante. Dessa forma, só esta caracterização da dupla já é o suficiente para que definamos Inácio como o vencedor da peleja, afinal: *“Ninguém, hoje, escreve a história de Catingueira sem falar de Inácio. Um negro cativo que imortalizou a sua terra”* (OTAVIANO, 1948: p. 8).



CAPÍTULO 5

A MENSAGEM DE INÁCIO

Os descendentes de Inácio da Catingueira cantam em voz baixa, para um número pequeno de criaturas.

- Graciliano Ramos

A importância de Inácio da Catingueira ainda está para ser desvendada em estudos mais elaborados e mais documentados do que este. O presente trabalho tem o objetivo apenas de provocar alguma curiosidade a mais acerca de aspectos desse personagem, e de sua história, que ainda não foram suficientemente explorados.

Os versos de Inácio são o único material produzido por ele, na única peleja poética que comprovadamente ele participou. Apesar disso, é uma via de pesquisa muito rica em informações, e é com ela especificamente que vamos trabalhar nesse capítulo, buscando captar a fundo a sua mensagem sobre a vida e o comportamento desse, que foi o primeiro poeta negro da história do Brasil.

Os poucos versos que analisaremos foram extraídos da versão da peleja que nos é apresentada por Luiz Nunes (1979), mas o texto completo está no anexo deste trabalho.

A Mensagem

Quem vive sofrendo as atrocidades de um sistema opressor tem, no mínimo, duas opções: ou partir para a briga, ou procurar adaptar-se.

Partir para a briga, para as armas, é uma opção que a história demonstra que nunca foi positiva para o povo simples, pois geralmente quem assume o lugar de quem perdeu inventa novas formas de opressão e exploração da maioria do povo, que continua sofrendo. Um grande exemplo disso foi a Revolução Francesa com suas milhares decapitações e enforcamentos para, no final, o poder ser assumido por novos opressores. Ou seja, de nada adiantou a revolução, do ponto de vista dos pobres, mas muito adiantou, do ponto de vista das elites, que não veem lógica fora da violência, como podemos ver no argumento de Joffily: “*o que mais nos espanta é o comportamento dos escravos, procurando a liberdade por meios legais*” (JOFFILY, 1976: p. 110).

A opção de adaptar-se à realidade é um tanto mais complicada do que apenas destruir o opositor, porque exige visão de longo prazo, diálogo, paciência, resignação, união,



autoestima, tolerância, perdão, entre outras estratégias. Portanto, “adaptar-se” não é o mesmo que acomodar-se ou acovardar-se. Ao contrário, exige muito e árduo trabalho! E O Catingueira é um ótimo exemplo disso.

Como já vimos anteriormente, Inácio vivia no Povoado de São Sebastião, uma localidade cruzada pela Estrada Geral da Província da Paraíba e situada no encontro dos Vales do Piancó e do Espinharas. Este contexto local faria o poeta entrar em contato com mercadores ambulantes desse e de outros Estados, que vendiam e trocavam diversas mercadorias, inclusive escravos, comercializados principalmente em São João do Cariri, cidade localizada na mesma Estrada Geral e situada não muito longe dali (ver no capítulo 2 a disposição das cidades na Estrada Geral). São João era um dos principais centros paraibanos de comercialização de escravos, de onde partiam mercadores para Teixeira e, dali, para Piancó, Pombal, Patos e demais cidades importantes do Ceará e do Rio Grande do Norte.

Além de contatar com mercadores, Inácio também contatava com grupos de combatentes, levando seus feridos e prisioneiros. Dessa forma, desde criança Inácio ia se inteirando das resistências armadas dos quilombos, das chacinas contra negros e indígenas, das ações de abolicionistas, das revoltas populares e de toda a sorte de castigos e crimes. Tudo isto lhe servia para a formação da sua consciência e convicção de que a violência gera mais violência e, no fim das contas, só os mais pobres perdiam, especialmente a população escrava. Ou seja, a opção “Adaptar-se” era a melhor para ele.

Para tanto, sua resistência consistiria em ser uma pessoa alegre e fazer seus versos demonstrando sua forma pacífica de pensar, de ser e de agir, conforme nos foi passado pela memória popular e registrado pelos pesquisadores do folclore e da cultura popular.

Com o passar dos anos os livros, revistas, folhetos de cantoria, blogs e sites nos deram diferentes versões do desafio poético, mas sem alterar a essência dos seus versos. O que se alteram são apenas as opiniões sobre o vencedor. O texto de Nunes nos servirá para fazer essa análise, começando pelos versos que mostram a humildade de Inácio:

Senhores que aqui estão
Me tirem de um engano
Me apontem com o dedo
Quem é Francisco Romano
Pois eu ando no seu piso
Já não sei há quantos ano

Seu Romano eu vim a Patos
Pela fama do senhor
Que me disseram que era
Mestre e rei de cantador
E que dentro de um salão
Tem discurso de um doutor



Como vemos, apesar de já ser famoso na região, Inácio não conhecia Romano e, claro, não era para menos, afinal ele era um cantador de feira, um simples vendedor, e Romano, além de fazendeiro, era um violeiro que cantava para os altos grupos sociais. Não obstante, essa peleja fora solicitada pelo povo, que gostava do trabalho de Inácio e acreditava que ele poderia competir com Romano. Por isso, Inácio poderia usar orgulhosamente este fato para mostrar e comparar a sua fama com a de Romano, mas não o fez, preferindo falar dos títulos do opositor: mestre, rei e doutor.

Romano, ao contrário, demonstrando a arrogância do fazendeiro, do senhor de escravos e do cantador mais famoso do sertão da Paraíba, exige a identificação do escravo que teve a ousadia de desafiá-lo. Inácio, sem alterar-se, lhe diz que sua fama é apenas local, adquirida com o seu trabalho multifuncional na feira da Vila de Patos, conforme o verso a seguir:

Eu sou muito conhecido
Aqui nesta ribeira
Este é o seu criado
Inácio da Catingueira
Dentro da Vila de Patos
Compro, vendo e faço feira

A seguir, Inácio mostra diferenças existentes entre ele e Romano:

Não respondo sua pergunta
Não conheço academia
Vivo só do meu roçado
Nunca vi uma livraria
Vá perguntar a um dotô
Que é quem sabe geografia

Seu Romano inda não viu
O tamanho do meu roçado
Grita-se aqui num aceiro
Ninguém ouve do outro lado
Eu faço coisa dormindo
Que outro não faz acordado
O que o sinhô fizé em pé
Eu faço mesmo deitado

Coisa que eu faço no mato
Ninguém faz no tabolero
O que o branco faz no duro
Eu faço num atolero
O que faz no mês de março
Eu tenho feito em janeiro

O branco bem amontado
O nego em qualquer sendêro
A concessão que lhe faço
É correr no meu acero
Embora o diabo lhe ajude
Eu derrubo o boi primeiro

As grandes diferenças entre escravo e senhor são pinceladas nas frases: “*Não conheço academia*”, “*Nunca vi uma livraria*”, “*O branco bem amontado / O nego em qualquer sendêro*”, entre outras (veja o texto completo em anexo). São diferenças que não são levadas em conta por muitas análises de texto à hora de comparar o escravo com o senhor, algo que tentamos avaliar e incentivar nesse pequeno trabalho.

Além disso, o relato do trabalho na roça é importante porque é o próprio Inácio contestando a tese da vida “maneira” do escravo no sertão da Paraíba e, no seu caso



particular, contesta a tese de que ele viveria de sua arte ao dizer: “*Vivo só do meu roçado*”, ou seja, “vivo apenas”, “vivo exclusivamente” do roçado.

Corroborando esta evidência que nos dá Inácio, a historiadora Diana Galliza (1979) nos diz que não registrou a função de cantador ou músico escravo na Piancó do século XIX. Ela mostra que as funções mais executadas pelos escravos daquela cidade eram a de Trabalhador de Enxada (33,5%), a de Vaqueiro (3,3%) e a de Cavoqueiro (3,0%).

Por outro lado, nos versos acima Inácio deixa claro que não conhecia ou teria qualquer relação com Romano: “*Me apontem com o dedo / Quem é Francisco Romano / Pois eu ando no seu piso / Já não sei há quantos ano*”. Isto, apesar de Inácio também ser famoso em toda a região, o que demonstra, mais uma vez, as diferenças entre os dois.

Romano reforça essas diferenças ao se mostrar muito irritado e descontente com o seu encontro com o escravo:

Negro, canta com mais jeito
Vê a tua qualidade
Eu sou branco, tu um vulto
Perante a sociedade
Eu em vir cantar contigo
Baixo de dignidade

Com negro não canto mais
Perante a sociedade
Estou dando cabimento
Ele está com liberdade
Por isso vou me calar
Mesmo por minha vontade

Inaço, eu estou ciente
Que tu és um negro ativo
Mas não estou satisfeito
Devo te ser positivo
Me abate hoje em cantar
Com um negro que é cativo

A desgraça do home rico
É dar importância a pobre
Sendo eu a prata fina
Vim me misturar com cobre
Grande castigo merece
Quem se abate sendo nobre

Como vemos, Romano se sentia diminuído em sua dignidade: “*Eu em vir cantar contigo / Baixo de dignidade*” e, por isso, tentou terminar a peleja com perguntas que Inácio não teria como responder:

Já faço tu te calar
Não quero articulação
Vamos à geografia
Que chama o povo à atenção
Vê se sabes ou se podes
Me dar uma explicação

E Inácio responde com humildade, porém demonstrando sua embaraçosa condição: “*Não respondo sua pergunta / Não conheço academia*”.

As palavras grosseiras e agressivas de Romano não demonstram simples combate poético, demonstram ideias, comportamentos, a estrutura social, que tornam obvio que, depois



daquele encontro, não haveria razão para que a dupla se encontrasse novamente, fato que desmontaria a tese negacionista da escravidão de que os dois teriam cantado juntos outras vezes, como se Inácio fosse livre.

Outra tese negacionista é a suposição de que Inácio teria recebido sua carta de alforria. Isto é contestado pelo padre Otaviano, quando diz: “*O mais certo é que ele morreu cativo*” (OTAVIANO, 1948: p. 15); é contestado por Linda Lewin quando diz que Inácio fora herdado em 1875 pela filha de Manoel Luiz e Ana Joaquina; e também é contestado pelo próprio Inácio, quando diz: “*Sou Inácio da Catingueira / Escravo de Mané Luiz*”. Vejamos os versos:

Seu Romano eu sou cativo
Trabalho pra meu senhor
Quando vou para uma festa
Foi ele quem me mandou
E quando saio escondido
Ele sabe pronde eu vou

Sou Inácio da Catingueira
Escravo de Mané Luiz
Tanto corta como risca
Como sustenta o que diz
Sou vigaro, capelão
E sacristão da matriz

No verso acima, Inácio diz ser vigário, capelão e sacristão, e abaixo, ele diz poder fazer o que uma torquês ou um machado faz:

Inácio da Catingueira
É nêgo desengonçado
Abre cacimba no seco
Dá embaixo no muiado
Aperta sem sê troquês
Corta pau sem sê machado

A nosso ver, isto seria a sua forma de demonstrar sua excelente autoestima e, também, de criticar velada e inteligentemente o sistema escravista, tendo em vista ele nem poder, historicamente falando, exercer as funções eclesiásticas citadas, nem poder, humanamente falando, ser igual a uma ferramenta. Ou seja, ele utiliza uma linguagem figurada muito refinada para a época, que demonstra uma capacidade inimaginável para uma sociedade escravista, na qual até a religião justificava a escravidão (BILHEIRO, 2008; FERREIRA e BITTAR: 2019).

Nos versos seguintes Inácio responde às provocações grosseiras de Romano, porém sem demonstrar raiva ou rancor, mas sim humor:

Seu Romano, eu lhe garanto
Que resisto ao seu martelo
Ao talho do seu facão
Ao corte do seu cutelo
Se eu morrer na peleja
Lhe vencerei no duelo

Seu Romano, meu facão
Também trabalha em seu quengo!
Desmastreio-te a carreira
Como um cavalo de rengo
E vou de uma banda pra outra
Traco-traco! Tengo-tengo!



Sou abelha de ferrão
Sou besouro de caboclo
Se eu pegar seu Romano
Dou um arrocho, deixo-o rouco
De quebrar-lhe as canelas
Só deixar-lhe dois catoco

Na frase: “*Se eu morrer na peleja / Lhe vencerei no duelo*” nos parece que Inácio teria plena consciência, ou intuição, da importância daquele momento para a história porque, a nosso ver, a palavra “Peleja” teria sido usada com o sentido de disputa momentânea ou briga passageira, ao passo que a palavra “Duelo” teria o sentido apenas de desafio, de chamamento, de provocação verbal. Ou seja, a primeira, faria uma referência ao momento presente e a segunda, ao futuro. Dessa forma, perder a peleja seria apenas ser vencido naquele momento, ao passo que vencer o duelo seria sobressair-se ao momento presente, estar acima do resultado momentâneo, ver o resultado como simbólico de uma liberdade futura. E, realmente, este fato é ressaltado pelos autores citados nesse trabalho como uma vitória simbólica, em que um escravo se sobressai a um senhor. Seria Inácio um vidente?

Nos versos seguintes Inácio demonstra o conhecimento de questões ligadas não só à vida do sertão, mas também ligadas ao comércio e ao litoral, coisas que certamente ele teria aprendido nas conversas travadas com os viajores que passavam por aquelas terras:

Neste negócio de mato
Sou quase decurião
Corto o baraio onde quero
Dou carta e jogo de mão
No mato tem uma erva
Queima e arde como o cão
O próprio cego conhece
É urtiga ou cansação

Seu Romano me parece
Eu que não sou aprendido
É quando morre a mulhé
Ou quando morre o marido
Nosso pai ou nossa mãe
O nosso filho querido
Quando chega em nossa porta
Um credô aborrecido

Nunca vi ninguém no mundo
Indigestá sem cumê
Navio corrê no seco
Atolero sem chuvê
Também nunca vi no mundo
Por isso queria vê
Tirá pau pela raiz
Só vendo é que posso crê
Só se era mata-pasto
Canapum ou muçambê

Quando Romano demonstra orgulho por serem, ele e o seu irmão Veríssimo, bons cantadores, Inácio não se deixa intimidar. Esta atitude de um escravo diante, não só de um fazendeiro importante, mas diante de uma família importante da região, com certeza era algo sem precedentes para todos os que ali estavam - é importante lembrar que os escravos eram postos no tronco para serem surrados por razões muito menores. Vejamos o que Inácio diz:



Eu bem sei que seu Verisso
No martelo é rei c'roado
Mas, leve ele à Catingueira
Muito bem apadrinhado
E verá como é que apanha
O padrim e o afilhado

Coitadim de seu Romano
Aonde ele vêi caí
Nas unhas de um gavião
Sendo ele um bentivi
Está se vendo apertado
Como peixe no jiqui

Meu branco lhe aconselho
Se voimincê me atende
Se for para nós brincar
Pode ir que não me ofende
Mas pra tomar Catingueira
Não vá não que se arrepende

Aqui, é perceptível sua atitude de “advertência” e não de ataque, uma vez que sua postura é sempre pacificadora e, até, acolhedora: “*Se for para brincar / Pode ir que não ofende*”, e diz isso até quando Romano sugere uma invasão a Catingueira.

Inácio não era virulento, mas demonstrava firmeza na defesa dos seus e da sua terra, fato este que faria Linda Lewin (1998) argumentar que tal postura teria ressoado no coração do público ali presente por causa das mudanças verificadas nas estruturas sociais oitocentistas, embaladas, em grande parte, pelas revoltas populares e apoiadas, supostamente, pelo Partido Liberal e, mais particularmente, pelo deputado Liberal coronel Firmino Ayres. Inácio tinha consciência de tudo isso? Provavelmente não, mas, com certeza sua intuição lhe dizia que ele estava no caminho certo.

Nos versos seguintes Inácio parece falar com virulência, mas ao dizer-se capaz de enfrentar sozinho a um grupo de cangaceiros, ele demonstra estar falando mais com bom humor do que com ferocidade, e acrescenta zombeteiro: “*procure um padre que o ouça a confissão*”, fato este que certamente arrancou aplausos de aprovação e risos do público assistente:

Me diga o dia em que vai
Quais são o seus companheiro
O senhor pode levar
Dez ou doze cangaceiro
Que a todos eu saio a peito
Como um valente guerreiro

Quando for procure um padre
Que o ouça em confissão
Deixa a cova bem cavada
E deixe a encomendação
Leve a rede onde é de vir
E já prontinho o caixão

Sentindo-se insultado, Romano ordena que esquecer o assunto da escravidão, e Inácio diz que apenas reagiu à sua provocação:

Romano:

Negro, eu vou te pedir
Vamos deixar o passado
Esquecer quem foi cativo

Inácio:

Isso aí é outra coisa
Eu não luto sem motivo
O sinhô também esqueça



Que nos dá mais resultado
Acabar a discussão
Esquecer todo o atrasado

O povo que foi cativo
Quem tem defunto ladrão
Não fala em roubo de vivo

A pacificidade de Inácio fica patente na frase: “*Eu não luto sem motivo*”, porque demonstra seu pensamento acerca da improdutividade da violência.

A Última Mensagem

Acredita-se que a última mensagem de Inácio teria sido pronunciada em 1879, antes de sua morte causada, supostamente, por pneumonia. Mas, há indícios que levam a outras conclusões. Vejamos.

Primeiro, é preciso salientar que aquele 1879 foi uma data que encerrou um período de três anos de seca com 35 mil retirantes na capital da Paraíba e 500 mil mortos no Nordeste. Segundo, que a morte por pneumonia tem como argumento a exposição de Inácio à fumaça das queimadas dos plantios, o que não se sustenta porque obviamente não houve plantio naquele período. E, terceiro, que é improvável que ele tenha feito a seguinte poesia em uma situação de fome e doenças:

Tenho pena de deixar
A serra da Catingueira
A Fazenda Bela Vista
A maior dessa ribeira
O Riacho do Poção
E as quebradas do Teixeira

Esta teria sido sua última poesia, falando em não querer deixar sua terra, apesar de a região estar deserta por causa das calamidades causadas pela seca: um argumento difícil de ser digerido!

Nossa hipótese é que ele estaria saindo da região a pé, fugindo da seca, junto com outros tantos retirantes, mas que não teria conseguido. Esta última mensagem estaria na memória de algum sobrevivente.



CAPÍTULO 6

HISTÓRIAS MAL CONTADAS

A Fazenda Jerimum pertencia ao antigo sesmeiro Pedro Velho Barreto, do qual descendeu Pedro Firmino da Costa, dono da Fazenda Catingueira.

- Wilson Nóbrega Seixas

Alguns fatos e personagens da história paraibana mereceriam mais investimentos em pesquisas e mais prestígio das autoridades. Um povo sem o registro da sua história vai, aos poucos, alterando os relatos dos fatos e, com isso, pode provocar grandes danos à sua identidade. É assim que heróis tornam-se bandidos e bandidos tornam-se heróis.

No caso de Catingueira, há no mínimo quatro fatos merecedores de atenção: a suposta alforria de Inácio da Catingueira, a hospedagem do Presidente da Província da Paraíba na Fazenda Catingueira, a origem do nome da cidade e o legado artístico deixado por Inácio para a cultura brasileira.

Vejamos.

A Carta de Alforria

Inácio teria recebido sua carta de alforria?

No imaginário popular a resposta é sim, mas para pesquisadores, como o Padre Otaviano, a resposta não é exatamente essa. Vejamos:

Contam que o seu senhor, tendo necessidade de pagar uma dívida e não dispondo mais de recursos, a pedido de Inácio, lhe concedeu liberdade de alguns meses, e ele rumou para o sul de Pernambuco e só voltou com a quantia precisa, ganha em cantorias, ao som do seu pandeiro. E, por gesto tão generoso, recebeu a carta de alforria. Mas, essa história não foi bem autenticada. Parece lenda criada depois de sua morte (OTAVIANO, 1948: p. 15).

Esse relato fala de uma suposta viagem de Inácio para saudar dívidas do seu senhor, e teria ocorrido entre 1875 e 1879, quando Inácio fora herdado por Maria do Amor Divino, após a morte de sua mãe Ana Joaquina, viúva de Manoel Luiz. O senhor de Inácio era Francisco Fidié, esposo de Maria do Amor Divino. Mas, esse conto seria apenas uma lenda, como afirma Otaviano, ou haveria aí um fundo de verdade?



Assim como Otaviano, nós também duvidamos dessa história, mas nosso argumento é que não seria apenas uma lenda, porque há alguns fatores históricos que, por um lado, corroborariam essa narrativa e, por outro, a contestariam. Vejamos o que seria isso.

O único fator que corrobora o conto da grande dívida de Fidié é a situação de crise da economia paraibana da época, comentada no primeiro capítulo desse trabalho. Os demais fatores só contestariam a veracidade do conto. Quais seriam? Sigamos.

Primeiro, temos o conto da viagem de Inácio a Pernambuco, fato que coincidiria com o aumento nos preços do escravo no mercado interprovincial, o que nos leva a supor que essa viagem não teria sido a trabalho, mas sim porque Inácio teria sido vendido por Fidié. Segundo, temos o conto que diz que Inácio teria viajado sem sua carta de alforria, o que nos leva a supor que isso seria impraticável, uma vez que um negro viajante sem carta de alforria era imediatamente preso e acusado de fuga. Terceiro, temos o conto da “liberação” de Inácio para viajar por alguns meses, “liberação” essa que coincidiria com o fato de que os fazendeiros estavam vendendo ilegalmente os seus escravos, ou seja, vendendo sem passar pela fiscalização do Estado, para se livrarem da cobrança dos altos impostos. Quarto, temos o conto da viagem solitária de Inácio, que coincide com uma época em que os mercadores de escravos passavam pelo Povoado São Sebastião e cruzavam toda a Paraíba em direção a outros Estados, o que nos faz supor que Inácio não poderia ter viajado como convidado livre de uma comitiva de mercadores escravistas, mas como mercadoria. E, finalmente, temos o conto da alforria de Inácio, que coincide com a ocorrência da Grande Seca, que matou cerca de meio milhão de pessoas, o que nos faz supor que, infelizmente, Inácio morreria escravo e vitimado pela fome e pelo abandono.

UMA SUPOSIÇÃO

Se, hipoteticamente, Inácio fora vendido por Fidié, a pergunta que fica é: como e por que ele teria voltado para sua terra?

Um provável motivo para isso poderia ter sido o seu desejo de reencontrar a sua mãe, possivelmente a sua única referência familiar. E a forma como ele teria voltado, poderia ter sido a fuga, uma prática comum de resistência dos negros, principalmente naquele período de secas e de revoltas populares que explodiam na década de 1870, em que grupos de escravos e de livres invadiam as cidades ou atacavam comitivas de viajantes por diferentes motivos. Por exemplo, Diana Galliza nos diz que: “*As secas provocavam a fuga de escravos das fazendas em busca de alimentos, originando grupos de assaltantes que atacavam os comboios*”



(GALLIZA, 1979: p. 121-2). Isto, portanto, poderia ter sido a via utilizada para a volta à sua terra natal. Por sua vez, Arruda Mello nos apresenta outras possibilidades de fuga:

Agrupados em bandos, homens rústicos invadiram as feiras para destruir os instrumentos de aferição dessas novas medidas, como pesos e balanças, derivando daí a denominação do movimento. Paralelamente, esses grupos penetravam nos cartórios, vários dos quais incendiados, para eliminação dos “papéis da escravidão” (MELLO, 2014, p. 121-2).

Ou seja, esses descontentamentos sociais, ocorrendo em todas as partes e causando caos e confrontos entre militares e civis, certamente davam ensejo a muitas fugas, inclusive de escravos. Tais fatos históricos, portanto, constituem evidências que poderiam corroborar o porquê e o como se dera essa suposta volta de Inácio para sua terra.

No entanto, é bom destacar que a fuga, embora justificável, era um ato ilegal e poderia ser severamente punida. Por isso, a suposta fuga de Inácio ficaria ocultada tanto pelo próprio Inácio, que não queria ser identificado como fugitivo, como por Fidié, que não queria ser acusado de ocultar escravo fujão.

Mas, enfim, de tanto essa história ter ficado oculta, certamente o passar do tempo se encarregara de transformar o conto em lenda, como sugere o padre Otaviano: “*Parece lenda criada depois de sua morte*”.

Um Possível Encontro

Já comentamos sobre a viagem do Presidente da Província da Paraíba Luiz Antonio da Silva Nunes, em 1860, e agora vamos ver o que poderia, ou poderá, ter significado esta viagem para Catingueira, uma vez que esse governador fizera pousada na Fazenda Catingueira.

Certamente Pedro Firmino da Costa, então dono dessa fazenda, avisado antecipadamente da visita, promoveria alguma acolhida festiva para alegrar aos ilustres viajantes, apresentando algum talento local, além de comidas, bebidas e doces, como é de praxe.

Inácio, que nascera em 1845, naquela data já contava com seus 15 anos de idade e, como todo escravo começava a trabalhar desde criança, certamente ele já manejava muito bem o pandeiro e já havia conquistado sua fama na região. Isto nos faz supor que seria obvio ele fazer uma apresentação, se não para o governador, pelo menos para a sua comitiva, e tal feito ficaria registrado no diário da viagem. Porém, infelizmente não se encontra qualquer



nota referente a qualquer escravo cantador da Fazenda Catingueira no livro “A Viagem Através da Província da Paraíba”, de Wilson Nóbrega Seixas.

Por que dizemos “infelizmente”?

Porque aquele seria o encontro de Silva Nunes, o primeiro governador da Paraíba a visitar o sertão, com Inácio, o primeiro poeta e cantador negro do Brasil, fato este que poderia ter sido o maior evento da história oitocentista do Estado e de todo o sertão! Porém, não ocorreu. E por que não teria ocorrido? Sigamos o raciocínio.

Primeiro, porque, se tivesse ocorrido, certamente seria registrado no diário, como já dissemos. Segundo, porque Manoel Luiz não queria apresentar o seu cativo cantador para a autoridade máxima do Estado para não passar a ideia de que suas finanças estariam bem, tendo em vista o período de crise por que passava a região. Terceiro, porque Manoel Luiz poderia ter algum tipo de relação com o Partido Liberal (cargo público, por exemplo), algo que deve ser levado em conta porque, curiosamente, dez anos mais tarde o deputado Liberal coronel Firmino Ayres, seu parente, teria a permissão dele para levar Inácio para participar da peleja poética contra Romano.

Dessa forma, podemos ver que não faltavam motivos para que o encontro entre Silva Nunes e Inácio não ocorresse, mas, dentre eles, nos parece claro que a questão política pesava mais.

Naquele 1860 o Partido do governador não estava no poder, mas derrotaria os Liberais oito anos depois, em 1868. Assim, como já vimos, em 1870 os Liberais, derrotados, estavam promovendo eventos supostamente “abolicionistas” com vistas a pôr em prática o seu programa populista de reformas, visando derrubar os Conservadores. Este seria um dos principais motivos para que a apresentação pública de Inácio ocorresse em 1870.

Mas, se a política era um problema entre o governador e Manoel Luiz, por que ele o hospedara? Porque, por certo, Manoel Luiz queria obter alguma vantagem econômica, tendo em vista que Silva Nunes estava em viagem para estudar novas formas de investimento na região.

Enfim, o fato é que infelizmente não houve o encontro de 1860, certamente motivado por questões políticas, e, com isso, a História perdeu muito. É por isso que concordamos com o padre Otaviano quando diz: “*A desgraçada da política é que tem desses planos aberrantes das coisas justas*” (OTAVIANO, 1948: p. 33).



Mas, o tempo mais importante é o presente, e hoje somos convidados a reparar os erros do passado. Portanto, mãos à obra!

O Nome da Cidade

No capítulo 2 vimos que Luiz Nunes atribui a denominação da cidade não à Fazenda Catingueira, mas a uma suposta existência no povoado de São Sebastião de uma árvore chamada catingueira, sob a qual os viajantes dos vales do Espinharas e do Piancó aproveitariam a paragem sombreada para descansarem. A questão aberta era saber o porquê de a Fazenda Catingueira ter cedido o seu nome à cidade. Para tanto, apresentamos seguintes hipóteses: I- a saída de Joana Maia da fazenda, após a morte do seu marido Pedro Velho, II- a decadência da fazenda após a saída de Joana, III- a redenominação da fazenda para Fazenda Pedro Velho, e IV- a fama de Inácio da Catingueira.

Todas estas hipóteses são possíveis, mas a que parece ter exercido maior peso na mudança do nome da fazenda para a cidade, é a que se refere à fama de Inácio, que primeiro ficaria conhecido como “Inácio da Fazenda Catingueira”, depois como “Inácio da Catingueira” e também como “O Catingueira”.

Prestando atenção, veremos que a sesmária de Joana mudou de nome, o povoado mudou de nome, a fazenda mudou de nome, a serra mudou de nome, o distrito mudou de nome e também mudou o senhor de Inácio, mas o nome “Catingueira” nunca saiu do nome de Inácio. E é por causa de Inácio que o povo conhecia o povoado, que não permitiu que o seu nome mudasse para Jucá e que, ainda hoje, a cidade é lembrada. Portanto, como diz o padre Otaviano, Inácio foi: *“Um negro cativo que imortalizou a sua terra!”* (OTAVIANO, 1948: p. 8).

O Legado

Graciliano Ramos era um folclorista, ou seja, um pesquisador das tradições, dos usos e das artes populares. Em seu livro “Viventes das Alagoas” ele dedica o capítulo “Desafio” a considerações sobre Inácio e Romano, dos quais diz com bastante realismo que:

No interior da Paraíba há mais de meio século dois cantadores famosos, ouvidos com admiração e respeito em cidades e vilas: Inácio da Catingueira, preto, e Romano, branco, de boa família, cheio de fumaças. O negro, isento de leituras, repentista por graça de Deus, exprimia-se com simplicidade, na língua comum do lugar. O branco exibia conhecimentos: andara uns meses na escola e, em razão da palmatória e dos cascudos, saíra arrumando algarismos, decifrando por alto o mistério dos jornais e das cartas. Possuía um vocabulário de que não alcançava direito a significação e lhe prejudicava certamente o estro, mas isto o elevava no conceito público (RAMOS, 2002: p. 69).



Esse autor nasceu em 1892, apenas 4 anos depois da Abolição da Escravatura e 22 anos depois da peleja de Inácio com Romano. Por esta razão, Graciliano levava em sua memória algumas experiências daquela pesada realidade escravista do século XIX, sobre a qual pôde escrever suas pesquisas com mais realismo. Daí adviria a sua visão realista expressa acima.

Por estudar a cultura brasileira, sua frase: “*Os descendentes de Inácio da Catingueira cantam em voz baixa, para um número pequeno de criaturas*” (RAMOS, 2002: p. 72) pode ser interpretada de duas formas; a primeira, como reconhecimento de Inácio como criador da “Cantoria de Embolada” e, depois, como uma crítica intelectual à situação de sofrimento do povo sertanejo, tendo em vista que o autor testemunhou a seca de 1915, a segunda mais devastadora seca já ocorrida no Nordeste, que ficou conhecida como a “Seca do 15” e que entraria para a literatura no livro “O Quinze”, de Rachel de Queiroz.

Sendo Graciliano um autor de grande importância para a construção da história da cultura popular brasileira, é fundamental destacar o papel que ele atribui a Inácio como produtor de cultura, e também destacar que a modalidade da “Cantoria de Embolada” sobrevive ao tempo e é praticada até os dias de hoje em todo o país.

Essa modalidade de cantoria não é uma arte feita propriamente para palcos ou para grandes públicos, mas para cumprir a função de conquistar a atenção das pessoas para um determinado objetivo, sendo hoje praticada por duplas de cantadores que circulam geralmente em feiras livres, praças públicas e em ônibus e metrô, continuando, portanto, muito semelhante ao que Inácio criou. A única diferença é que ele cantava só.

É esta arte que Graciliano Ramos descreve em seu livro, a partir de suas observações pelas ruas de sua época. Os “descendentes de Inácio”, então, seriam os cantadores de embolada que “cantam para um número pequeno de pessoas”. É este, portanto, o legado que ele deixou para Catingueira, além do seu próprio nome.



CAPÍTULO 7

A MORTE DE INÁCIO

Inácio pode ter perdido a peleja contra a fome e o abandono, mas venceu o duelo contra o sistema escravista e a arrogância humana.

- Toni Oliveira

Inácio morreu em 1879.

Coincidência ou não, este também foi o último ano da primeira Grande Seca, que começou em 1877. Foram três anos de seca que deixariam um terrível saldo aproximado de 500 mil mortos no Nordeste (SECRETO, 2020).

Tendo em vista que existia o tráfico ilegal de escravos, que as condições de vida no sertão fazia ainda mais dura a existência do cativo e que os dados das pesquisas do século XIX eram muito deficientes, podemos deduzir que o número citado de mortes da Grande Seca faria referência à população livre e branca, não considerando o número de óbitos de negros, mortos em decorrência dessa calamidade, seja pela fome, por doenças, por suicídio ou pelo abandono.

Por esta razão, não seria absurdo dizer que, para um escravo, estar no sertão nesse período era um veredito de morte, inclusive para Inácio, o que significa que também não seria absurdo dizer que a seca seria a causa de sua morte, assim como a de tanta gente.

Morreria de fome, portanto, o grande poeta e ser humano Inácio da Catingueira, uma vida de trabalho pesado, de exemplo de resistência pacífica, de bondade e resignação. Inácio pode ter perdido a peleja contra a fome e o abandono, mas venceu o duelo contra o sistema escravista e a arrogância humana.



PALAVRAS FINAIS

Inácio da Catingueira nasceu em 1845 e morreu em 1879, uma curta vida de 34 anos submetida ao sistema escravista do sertão paraibano, em que o seu valor era menor do que os interesses econômicos e políticos dos seus senhores. Mas, ninguém poderia supor que aquele negrinho brincalhão tivesse a liberdade dentro do seu coração e da sua alma, uma liberdade que nenhum sistema escravista poderia tirar-lhe, nem nenhuma alforria teria o poder de lhe conceder!

Esta Liberdade – com maiúscula - está patente nos versos poéticos dO Catingueira, nas suas palavras de combate justo, de alegria, de respeito, de pacificidade, de acolhimento, de tolerância, de gratidão: *“Trabalho pra meu senhor / Quando vou para uma festa / Foi ele quem me mandou”*. Não se vê aí a pronúncia de uma palavra sequer de lamento pela sua vida cativa ou de rancor contra o seu senhor, e esta atitude perpassa todos os seus demais versos, em que não se vê raiva contra Romano, ou baixa autoestima por sua condição de negro, ou reclamação a Deus por sua sorte, ou menosprezo à cidade de Teixeira ou aos teixeirenses. Tudo o contrário. Ele confirma e afirma a sua identidade de escravo, chama seu adversário de “Seu Romano” – o mesmo que “senhor Romano” -, diz o nome e elogia o fazendeiro que o escravizava, se autodenomina “Negro confiado” e declara amor à sua terra natal. Ele era livre interiormente.

Porém, a interpretação equivocada destas características pacifistas de Inácio, somada a uma visão historiográfica negacionista da escravidão no sertão no Estado, incutiu no imaginário popular a história romantizada de um Inácio livre, que vivia de sua música, patrocinado pelo seu “bom” senhor e que não era “tão negro assim”.

Na verdade, o fato de Inácio não demonstrar revolta em seus versos contra o sistema escravista que o vitimizava, não significa que ele aceitasse a crueldade praticada contra a população negra e contra ele próprio. Esta pacificidade se dava como sua estratégia para seguir vivendo e ser feliz, pois ele sabia das atrocidades que ocorriam no país e, levando isto em conta, ele podia elaborar uma clara concepção de que a violência não poderia construir uma realidade melhor para si ou para outrem, principalmente para o povo negro.

Portanto, a ideia de que Inácio não teria feito críticas ao sistema escravista e aos seus senhores não é bem acertada. Na realidade, ele fazia críticas sim, mas críticas construtivas e de forma sutil, ou seja, sem confrontos. Mas, a questão é que estas qualidades do negro Inácio



eram combatidas pela teologia católica e pela ideologia do Estado, que tinham o interesse de manter o sistema escravista. Dessa forma, a mensagem de Inácio era bloqueada para que não ficasse acessível às mentes rudes da época, condicionadas a julgar o povo negro como “filhos do pecado” e intelectualmente incapaz.

Mas, as trevas ideológicas, com o tempo, dão lugar à luz, e hoje demonstram que Inácio tinha a percepção do futuro, a capacidade de intuir que os frutos do seu trabalho seriam colhidos depois.

Como aquele momento histórico era de mudanças políticas e sociais, o fato de um escravo ter a capacidade de desafiar e combater em pé de igualdade a um fazendeiro, tornara-se um ato pacificamente revolucionário. E, como se não fosse suficiente, O Catingueira combateu o fazendeiro sem se rebaixar às grosserias ditas contra ele, tornando aquele ato ainda mais revolucionário, porque demonstrava que o povo negro, além de ter inteligência, era tão competente quanto o branco.

Enfim, sua proposta era uma revolução da autoestima, da subjetividade, da identidade étnica, dos valores humanos, porque ele sabia, ou intuía, que isto produziria mais resultado do que qualquer revolução pelas armas, e a ferramenta que ele usava nessa sua Revolução era a Cantoria de Embolada, com a qual ele semeava a sua alegria e a sua mensagem de paz. Portanto, a força do Catingueira estava na sua pessoa cativante, no seu exemplo de competência e na sua elevada mensagem.

Por esta razão, Inácio sobreviveu ao tempo e, ainda hoje, sua fala em forma de versos encontra acolhida calorosa em todos os corações que sonham com um mundo melhor, um mundo de paz, de igualdade e de amor.

Um viva a Inácio da Catingueira!



POSFÁCIO

Inácio da Catingueira parece estar vivo entre nós. Ele representa todo o povo sofrido e explorado do sertão, principalmente a juventude, que não tem oportunidade de ter uma vida digna, mas que, mesmo assim, é um povo acolhedor e solidário.

Quem conhece a realidade sertaneja atual sabe que as autoridades municipais do sertão adotam generalizadamente uma política de não valorização dos artistas locais, preferindo investir centenas de milhares de reais na arte massificada de artistas da mídia. Este programa político lembra a política dos Liberais do final do século XIX, quando o Partido Liberal deliberou que fosse implantado no país um programa reformista populista, como já comentamos. A diferença, agora, é que isto não é um programa só da oposição, mas também da situação.

Mas, qual a semelhança daquela com esta realidade?

A semelhança é que esta má política faz com que muitos Inácios capacitados não tenham a oportunidade de fazer da arte a sua profissão, não consigam assumir cargos no poder público e tenham que trabalhar em serviços extremamente pesados e arriscados nas capitais do país, onde vivem meses, ou até anos, longe de suas famílias e, não raro, voltam sequelados por graves acidentes trabalhistas. É, portanto, uma existência inteira de jovens submetidos a interesses mesquinhos e à semiescravidão.

Dessa forma, o já referido comentário realista de Graciliano Ramos: “*Os descendentes de Inácio da Catingueira cantam em voz baixa, para um número pequeno de criaturas*” pode aqui ser interpretado como uma crítica social bem atual, pois o povo descendente de Inácio vive na semiescravidão, uma espécie de versão aprimorada do sistema escravista do século XIX, que tem como estratégia de coerção não mais o chicote e o tronco, mas sim, por um lado, o velho clientelismo na ocupação de cargos públicos e os contratos de trabalho em empresas das capitais, pertencentes aos próprios políticos da cidade; e, por outro lado, a promoção de festas semestrais, ou anuais, em que os políticos contratam bandas de fama nacional para alegrar o povo por dois ou três dias, deixando um saldo desastroso de dezenas de jovens embriagados e/ou drogados.

Em Catingueira, por exemplo, uma cidade que não chega a ter 5 mil habitantes, encontram-se facilmente 40 dependentes crônicos de bebidas alcoólicas, às vezes três ou quatro de uma mesma família. Os bares são inúmeros, inclusive nas praças públicas,



chegando a contar cerca de 20 só na avenida principal, que tem apenas 600 metros de comprimento e que pode ser percorrida a pé em apenas 8 minutos. Enquanto isso, não há na cidade opções de lazer e cultura, e a biblioteca, além de pequena e de pobre acervo, não funciona.

Enfim, a história do nosso poeta Inácio da Catingueira ainda está viva, acontecendo sob nossas vistas, e precisa ser tratada com maior carinho e respeito. Oxalá esse humilde trabalho possa ser de alguma ajuda.



ANEXO

Texto da peleja poética de Inácio da Catingueira contra Romano do Teixeira, extraído de Luiz Nunes (1979):

1- INÁCIO

Senhores que aqui estão
Me tirem de um engano:
Me apontem com o dedo
Quem é Francisco Romano
Pois eu ando no seu piso
Já não sei há quantos anos

3- INÁCIO

Eu sou muito conhecido
Aqui nesta ribeira
Este é o seu criado
Inácio da Catingueira
Dentro da Vila de Patos
Compro, vendo e faço feira

5- INÁCIO

Seu Romano, eu vim a Patos
Pela fama do senhor
Que me disseram que era
Mestre e rei de cantador
E que dentro de um salão
Tem discurso de doutor

7- INÁCIO

Seu Romano, eu sou cativo,
Trabalho para meu sinhô...
Quando vou para uma festa
Foi ele quem me mandou
E quando saio escondido
Ele sabe pronde eu vou

2- ROMANO

Negro, me diga o seu nome
Que eu quero ser sabedor
Se é solteiro ou casado
Aonde é morador
Se acaso for cativo
Diga quem é seu senhor

4- ROMANO

Inácio, vieste a Patos
Procurando quem te forre
Volta pra trás, meu negrinho
Que aqui ninguém te socorre
E quem cai nas minhas unhas
Apanha, deserta ou morre

6- ROMANO

Inaço, que andas fazendo
Aqui nesta freguesia
Cadê o teu passaporte
A tua carta de guia
Aonde tá teu sinhô
Cadê a tua fâmia?

8- ROMANO

Inaço, deixa-te disto,
Não te posso acreditar
Pois eu também tenho nego
E só mando trabaiaá...
Como é que teu sinhô
Vai te mandá vadiá?



9- INÁCIO

Inaço da Catinguera,
Escravo de Mané Luiz
Tanto corta como risca
Como sustenta o que diz!
Sou vigaro capelão
E sacristão da matriz

11- INÁCIO

Inaço da Catinguera
É nego desengonçado:
Abre cacimba no seco
Dá em baixo do muiado...
Aperta sem sê troquês,
Corta pau sem sê machado

13- INÁCIO

Seu Romano, eu lhe garanto
Que resisto ao seu martelo
Ao talho do seu facão
Ao corte do seu cutelo
Se eu morrer na peleja
Lhe vencerei no duelo

15- INÁCIO

Eu felizmente não sou
Escravo de senhor cru
Que trabalha todo o dia
De noite faz quinguingu [serão]
Aparpando no escuro
Fossando que nem tatu

17- INÁCIO

Seu Romano, sou cativo
Mas trabalho no comum
Dar descanso a seus escravos
É gosto de cada um
Meu sinhô tem muito negro,
Seu Romano só tem um

10- ROMANO

Este aqui é seu Romano
Dentaria de elefante
Barbatana de baleia
Força de trinta gigante
É ouro que não mareaia
Pedra fina e diamante

12- ROMANO

Inácio, o meu martelo
Por bom ferreiro é forjado
Tanto ele é bom de aço
Como está bem temperado
A forja onde ele foi eito
É toda de aço blindado

14- ROMANO

Negro criado vadio
Tem por fim acabar má
Uns casam com mulher forra
Outros dão pra roubá
Outros fogem do serviço
Com medo de trabalhá

16- ROMANO

Estou ouvindo as tuas loas
Não te posso acreditar
Que eu também tenho escravo
Mas não mando vadiar
Que eu saio pra divertir
Os negros vão trabalhar

18- ROMANO

Pra negro eu tenho chicote
E palmatória e trabuco.
Boto-o na mesa do carro
Passo por cima e machuco
Vadeio de lá pra cá:
Traco-traco! Truco-truco!



19- INÁCIO

Seu Romano, meu facão
Também trabalha em seu quengo!
Desmastreio-te a carreira
Como um cavalo de rengo
E vou de uma banda pra outra
Traco-traco! Tengo-tengo!

21- INÁCIO

Sou abelha de ferrão
Sou besouro de caboclo
Se eu pegar seu Romano
Dou um arrocho, deixo-o rouco
De quebrar-lhe as canelas
Só deixar-lhe dois catoco

23- INÁCIO

Seu Romano, não se alegre
Que a hora não acabou-se
Eu derrubo de machado
Acabo, pico de foice
Valentão que vir a mim
Mato-o de queda e de coice

25- INÁCIO

Seu Romano fazê isso
Tá arriscado a passar má
Vai o chumbo, vai a bala
Vai o nó do caruá
Dá-lhe os nego, dá-lhe as nega
E os molequim também dá

27- INÁCIO

Seu Romano, a fazer isto
Certamente passa má
Vai a bala, vai o chumbo,
Vai a corda de crauá
Dá-lhe os negro, dá-lhe as negra
Dá-lhe tudo, tudo dá

20- ROMANO

Nêgo, se eu te pegar
Numa volta de caminho
Eu te faço um agrado
Com meu chicote um carinho
Se a camisa for nova
Só te deixo o colarinho

22- ROMANO

Negro você não me venha
Que se vier eu lhe abeco
Sacudo-o em cima da forja,
Com os fole eu te sapeco,
Boto-te em cima da safra
Com dois malhos, teco-teco!

24- ROMANO

Negro se tu me cercares
Com quatrocentos caifai
Cem de uma banda, cem de outra
Cem adiante, cem atrai
Isto é que é tapa que dou
Isto é que é nego que cai

26- ROMANO

Na minha não passa
Negro sem carta de guia
Boto-lhe o surrão abaixo
Para fazer vistoria
Se é cativo ou se é liberto
Se é casado e tem famia

28- ROMANO

Inácio da Catingueira
Madeira do Piancó
Eu boto-lhe no meu machado
E tiro-a toda no pó
Boto-lhe a régua em cima
E desempenho de enxó



29- INÁCIO

Seu Romano carapina
Carregue boa ferrage
Sou braúna, angico torto
Sou pedra mármore, em lage
Sou lagedo, penedia
Logo seu ferro é bobage

31- INÁCIO

Seu Romano eu só garanto
É que ciência eu não tenho
Mas para desenganá-lo
Cantar consigo hoje venho
Abra os olhos, cuide em si
Pra não perder seu desenho

33- INÁCIO

Eu penso que o panariço
É dorzinha impertinente
Mas porém tem muitas outra
Que eu lhe digo, no repente:
Ferroada de lacrau
Faz o pé ficar dormente;
Tem outra dô condenada,
É pisá-se em brasa quente

35- INÁCIO

Neste negócio de mato
Sou quase decurião...
Corto o baraio onde quero
Dou carta e jogo de mão
No mato tem uma erva
Queima e arde como o chão
O próprio cego conhece
É urtiga ou cansação

30- ROMANO

Inácio, olha que eu tenho
Força e muita inteligência
Não me falta no meu estro
A veloz reminiscência
Muitas vezes tenho dado
Em cantador de ciência

32- ROMANO

Inaço faça um favô
Me diga lá num repente
Qual é a dor que mais dói,
Que mais atormenta a gente

34- ROMANO

Sou que nem dois telegrama:
Quando um assobe outro desce
Inaço, você me diga
Que nunca achei quem dissesse
Qual é a erva do mato
Que o próprio cego conhece

36- ROMANO

Inaço, se és tão sabido
Responda sem estudá
Qual é o tranze da vida
Que mais nos faz apertá
Que até nos tira a alegria
O jeito de conversá
O sono durante a noite
A vontade de almoçá



37- INÁCIO

Seu Romano me parece
Eu que não sou aprendido
É quando morre a mulhé
Ou quando morre o marido
Nosso pai ou nossa mãe
O nosso filho querido
Quando chega em nossa porta
Um credô aborrecido

39- INÁCIO

Eu nunca vi filho único
Que não fosse preguiçoso!
Quem anda com guarda-costa
Não é valente, é medroso!
O homem se faz por si
Ninguém nasce poderoso!
O pobre fica maluco,
O rico fica nervoso...

41- INÁCIO

Há dez coisas neste mundo
Que toda gente procura
É dinheiro e é bondade
Água fria e formosura
Cavalo bom e mulhé
Requeijão com rapadura
Morá sem ser agregado
Comê carne com gordura...

43- INÁCIO

Nunca vi ninguém no mundo
Indigestá sem cumê
Navio corrê no seco
Atolero sem chuvê...
Também nunca vi no mundo
Por isso queria vê
Tirá pau pela raiz
Só vendo é que posso crê
Só se era mata-pasto
Canapum ou muçambê

38- ROMANO

Tomara achar quem me mostre
Uma casa sem Maria
Mês que não tenha semana
Uma semana sem dia
Altá de igreja sem santo
Vigaro sem freguesia
Moça nova sem namoro
E véia sem ser "titia"

40- ROMANO

Há certas coisas na vida
Que, se dando, é raridade
Menino não querê leite
Soldado ter castidade
Rapariga sem enfeite
Gente sonsa sem maldade
Moça passar dos trint'anos
Dizer direito a idade

42- ROMANO

Quando eu era pequenino
No tempo em que eu vadiava
No lugá onde eu nasci
A minha força eu mostrava
Não deixei pau pra semente
Pela raiz eu cortava

44- ROMANO

O pau que eu tirá de foice
Tu não tira de machado
No mato que eu entrá nu
Cabra não entra encourado
Barbatão que eu pegá solto
Botas no mato, peado



45- INÁCIO

Seu Romano inda não viu
O tamanho do meu roçado
Grita-se aqui num aceiro
Ninguém ouve do outro lado
Eu faço coisa dormindo
Que outro não faz acordado
O que o sinhô fizé em pé
Eu faço mesmo deitado

47- INÁCIO

Coisa que eu faço no mato
Ninguém faz no tabolero
O que o branco faz no duro
Eu faço num atolero
O que faz no mês de março
Eu tenho feito em janeiro
O branco bem amontado
O nego em qualquer sendeiro
A concessão que lhe faço
É correr no meu acero
Embora o diabo lhe ajude
Eu derrubo o boi primeiro

49- INÁCIO

Com touros e com leões
Seu Romano já brigou
Mas se o povo se acalmar
Eu hei de mostrar quem sou
Quero dar em seu Romano
Que diz que nunca apanhou

51- INÁCIO

O senhor nunca me viu
Frangi o couro da venta
Meu cabelo se arpoá
E a testa ficar cinzenta...
Cantadô, quando eu me agasto
Esfria com água benta

46- ROMANO

No lugar onde eu campeio
Tu mesmo não tira gado
Faço figura no limpo
Faço mió no fechado
No poço que eu tomá pé
Você morre é afogado

48- ROMANO

Eu já tenho dado em touro
Que quando ronca estremece
Tenho domado leão
Até que ele me obedece
Já dei em muitos cantores
Mas nunca achei quem me desse!

50- ROMANO

Se você vê que não pode
Comigo, é bom que se aquete
Enquanto derrubá um
Eu despacho mais de sete!
O que você faz de espada
Desmancho de canivete...

52- ROMANO

Quando pego um cantador
Adoece de repente
Dá-lhe uma dor de cabeça
E uma coceira ardente
É um vexame tão grande
Que não há diabo que aguente



53- INÁCIO

Meu martelo tem azougue
Cantador dele não sai
Dá-lhe um frio com tontura
Seca a carne a língua cai
Fica o corpo sem governo
A alma vai-e-não-vai

55- INÁCIO

Tem coisa que dá vontade
Me meter na vida alheia
Quem mata assim tanta gente
Inda não foi pra cadeia!
Pegá um gigante à mão
E não ficá ca mão cheia!
Rebentar dobrão nos dedo
E não quebrá uma veia
Esse dobrão é de cera
Esse gigante é de areia...

57- INÁCIO

O branco mais muita gente
O negrinho mermo só
O branco vem de cacete
E eu recebo a cipó...
No pau que fizé entalha
Eu lavro sem deixá nó
O branco corta a machado
Eu lavro mermo de enxó...

59- INÁCIO

Meu branco dou-lhe um conselho
Espero o sinhô tomar
Se tire desse sentido
Se arrede desse pensar
Juro com todos os dedo
Que um homem só não me dá

54- ROMANO

Inaço, tu tem cabeça
Porém juízo não tem!
Um gigante nos meus braços
Aperto não é ninguém!
Aperto um dobrão nos dedo
Faço virar um vintém

56- ROMANO

Inaço, fica sabendo
Que sou rei nesta ribera!
Tá me dando uma veneta
Fazê uma brincadera
Eu quero mudá-te o nome
De Inaço da Catinguera...
Desse pau tão duro e forte
Eu faço burra leitera
E se me dé na cabeça
Faço virá bananera...

58- ROMANO

Inácio da Catingueira
Se mete a cantar repente
Negro me trata melhor
Que estamos em meio de gente
Queira Deus você não saia
Da sala de couro quente

60- ROMANO

Inaço da Catinguera
Fala como uma folhinha...
Não quero escutá bobage
Guarda a tua ladainha
Não és pra me dá conselho
Quando tu ia eu já vinha...



61- INÁCIO

Seu Romano, eu pra cantá
Não preciso passaporte...
É um dom da natureza
Um favor da minha sorte!
Em negócio de cantiga
Tenho feito muita morte

63- INÁCIO

Seu Romano, eu tenho visto
Cantor que diz que é sabido
Vir pelejar contra mim
Mas quando se ver perdido
Chora pedindo desculpas
Dizendo: estava iludido

65- INÁCIO

Seu Romano não faz conta
Porém eu hoje desmancho
Tudo o que o sinhô fizer
Toco-lhe fogo no rancho
Cuide em si que o negro velho
Dá-lhe um serviço de gancho

67- INÁCIO

Eu bem sei que seu Veríssimo
No martelo é rei c'roadado
Mas, leve ele à Catingueira
Muito bem apadrinhado
E verá como é que apanha
O padrim e o afilhado
69- INÁCIO

Coitadim de seu Romano
Aonde ele vei caí
Nas unhas de um gavião
Sendo ele um bentivi
Está se vendo apertado
Como peixe no jiqui

62- ROMANO

Negro, se tu pretendes
Contra mim te armar em guerra
Verás eu tirar-te a vida
Deixar-te inerte, na terra
E botar no teu cadáver
Serra por cima de serra

64- ROMANO

Inácio, as tuas façanha
Eu delas não faço conta
Tu te opondo contra mim
Dás murro em faca de ponta
Eu monto no teu cangote
Mas no meu ninguém se monta

66- ROMANO

Inaço, tu nunca viste
Eu mais meu mano em serviço
Somos como dois machados
No tronco de um pau maciço
Um é raio abrasador
Outro é trovão inteiriço

68- ROMANO

Coitadim de Catingueira
Aonde vei se socar
Dentro de uma mata escura
Onde não pode enxergar
Ele vei por inocente
Não volta sem apanhar
70- ROMANO

Romano quando se zanga
Treme o Norte, abala o Sul
Solta bomba envenenada
Vomitando fogo azul
Desmancha nêgo nos are
Que cai virado em Paul



71- INÁCIO

Inaço quando se assanha
Cai estrela, a terra treme
O Sol esbarra o seu curso
O Mar abala-se e geme
Pega fogo o mundo em roda
E nada disso o nego teme

73- INÁCIO

Hoje aqui tem de se ver
Como o ferreiro trabalha
Como se caldeia ferro
Como o aço se esbandalha
Como se broqueia pedra
Como se estoura a metralha

75- INÁCIO

Meu Deus, que tem seu Romano
Parece que está doente?
Está temendo a desfeita
Ou o bote da serpente
Ou está com medo de Inácio
Ou com vergonha da gente

77- INÁCIO

Seu Romano, abra os olhos
Com esse preto moreno
Tenha medo da botada
Da serpente e do veneno
Eu já tenho visto grande
Apanhar dum mais pequeno
79- INÁCIO

Meu branco eu dou-lhe um conselho
Se voimincê me atende
Se for para nós brincarmos
Pode ir que não me ofende
Mas pra tomar Catingueira
Não vá não que se arrepende

72- ROMANO

Hoje aqui tem de se ver
Relampos de caracol
Os nevoeiros pararem
E eclipsar-se o Sol
Secarem as águas do Mar
Pescar baleia de anzol

74- ROMANO

Meu Deus, o que tem Inácio
Que no cantar se atrapalha?
Sustenta o ferro na mão
Que estou na primeira entalha
Teu ferro está se virando
E o meu não mostra falha

76- ROMANO

Inaço, tenho cantado
Com muita gente de tino
No sul com Manoel Carneiro
No Sabugi com Ugolino
Como não canto contigo
Que és fraco e pequenino?

78- ROMANO

Inácio, ainda me abalo
Lá da serra do Teixeira
Levo meu mano Veríssimo
Vamos dar-te uma carreira
Dar-te uma surra em martelo
E tomar-te a Catingueira
80- ROMANO

Inácio, tu me conheces
Já sabes bem eu quem sou
Mas quero te prevenir
Que na Catingueira eu vou
Derrubar o teu Castelo
Que nunca se derrubou



81- INÁCIO

É mais fácil um boi voá
Um cururu ficar belo
Aruá jogar cacete
E cobra calçar chinelo
Do que haver valentão
Que derrube o meu Castelo

83- INÁCIO

Me diga o dia em que vai
Quais são os seus companheiros
O senhor pode levar
Dez ou doze cangaceiros
Que a todos eu saio a peito
Como um valente guerreiro

85- INÁCIO

Quando for procure um padre
Que o ouça em confissão
Deixa a cova bem cavada
E deixe a encomendação
Leve a rede onde é de vir
E já prontinho o caixão

87- INÁCIO

Meu branco não diga isso
Que o sinhô não me conhece
Veja quando o Sol sair
Com a luz que resplandece
Olhe para os quatro lados
Que o negro velho aparece

89- INÁCIO

Seu Romano, lhe aconselho
Não cometa tal perigo
Peço a Deus que lhe defenda
Do laço do inimigo
Antes morrer enforcado
Do que pelear comigo

82- ROMANO

Quem quer ferir inimigo
Não faz ponto nem avisa
Quando eu for à Catingueira
Nesse dia o sol se incrisa
Inda vou lá, fique certo
Somente dar-te uma pisa

84- ROMANO

Antes de eu ir, oito dia
Te mandarei um aviso
Você, tando em casa, corre
Porque você tem juízo...
E eu vou só fazê estrago
Quebro, rasgo, queimo e piso!

86- ROMANO

Inaço, eu sei que é duro
Mas é lá na Catingueira
Na Mãe d'Água, onde eu moro
Não descambas a ladeira
Mais fácil o diabo ir ao Céu
Do que ires ao Teixeira

88- ROMANO

Negro, eu só canto contigo
Por um amigo me pedir
Visto me sacrificar
Não me importa de ferir...
Cavo onde achar mais mole
E bato enquanto bulir

90- ROMANO

Negro, canta com mais jeito
Vê a tua qualidade
Eu sou branco, tu um vulto
perante a sociedade
Eu em vir cantar contigo
Baixo de dignidade



91- INÁCIO

Esta sua frase agora
Me deixou admirado...
O sinhô para ser branco
Seu couro é muito queimado
Sua cor imita a minha
Seu cabelo é agastado

93- INÁCIO

O sinhô me chama negro
Pensando que me acabrunha
O sinhô de home branco
Só tem os dente e as unha
A sua pele é queimada
Seu cabelo é testemunha

95- INÁCIO

Na verdade, seu Romano
Eu sou negro confiado!
Eu negro e o sinhô branco
Da cor de café torrado!
Seu avô vei ao Brasil
Para ser negociado

97- INÁCIO

Isso aí é outra coisa
Eu não luto sem motivo
O sinhô também esqueça
O povo que foi cativo
Quem tem defunto ladrão
Não fala em roubo de vivo

99- INÁCIO

Esta agora é engraçada
Eu digo com toda fé
De prata se faz arreio
Faz faca, garfo e cuié
De prata se faz espora
Pra negro botar no pé

92- ROMANO

Com negro não canto mais
Perante a sociedade
Estou dando cabimento
Ele está com liberdade
Por isso vou me calar
Mesmo por minha vontade

94- ROMANO

Inácio eu estou ciente
Que tu és um negro ativo
Mas não estou satisfeito
Devo te ser positivo
Me abate hoje em cantar
Com um negro que é cativo

96- ROMANO

Negro, eu vou te pedir
Vamos deixar o passado
Esquecer quem foi cativo
Que nos dá mais resultado
Acabar a discussão
Esquecer todo o atrasado

98- ROMANO

A desgraça do home rico
É dar importância a pobre
Sendo eu a prata fina
Vim me misturar com cobre
Grande castigo merece
Quem se abate sendo nobre

100- ROMANO

Já faço tu te calar
Não quero articulação
Vamos à geografia
Que chama o povo à atenção
Vê se sabes ou se podes
Me dar uma explicação



101- INÁCIO

Seu Romano, ainda me lembro
Que meu sinhô me dizia
Que o mundo tem cinco partes
É Ásia e Oceania
Europa, América e África
Assim diz a geografia

103- INÁCIO

Não respondo sua pergunta
Não conheço academia
Vivo só do meu roçado
Nunca vi uma livraria
Vá perguntar a um doutô
Que é quem sabe geografia

105- INÁCIO

Eu bem sei que seu Romano
Tá na fama dos anéis
Canta um ano, canta dois
Canta seis, sete, e dez
Mas o nó que der com as mãos
Eu desmancho com os pés

107- INÁCIO

Sua doença, seu Romano
Está muito conhecida
Melhor rasgar o tumor
Antes que vire ferida
O reis por perder o trono
Não deve perder a vida

109- INÁCIO

Seu Romano, desse jeito
Eu não posso acompanhá-lo.
Se desse um nó em martelo
Viria eu desatá-lo
Mas como foi em ciência
Cante só que eu me calo

102- ROMANO

Então deves conhecer
Cabos, estreitos e mar
Os golfos, as raças todas
Onde puderam habitar
Afina tua memória
Que eu quero te perguntar

104- ROMANO

Meu Deus, que tem esse negro
Que no cantar se maltrata!
Agora Romano velho
Canta um ano e não se mata
Quanto mais canta mais sabe
E nó que dá ninguém desata

106- ROMANO

Inaço, vamos parar
Estou com dor de cabeça
Preciso de algum repouso
Antes que o dia amanheça
Estou com cara de sono
Sem ter mais quem me conheça

108- ROMANO

Latona, Cibele, Réa,
Íris, Vulcano, Netuno,
Minerva, Diana, Juno,
Anfítrite, Androcéia,
Vênus, Climene, Amaltéia,
Plutão, Mercúrio, Teseu,
Júpiter, Zoilo, Perseu,
Apolo, Ceres, Pandora,
desata, agora,
O nó que Romano deu.



BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Kleyson B. Chaves (2013). Intrusos do Piancó: controle régio e o impacto sobre as terras da casa da torre no sertão da Paraíba (1757-1776). Anais do XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: conhecimento histórico e diálogo social. Natal, RN, Brasil.

BILHEIRO, Ivan. A Legitimação Teológica do Sistema de Escravidão Negra no Brasil: congruência com o estado para uma ideologia escravocrata. CES Revista, v. 22, pp. 91 – 101. Juiz de Fora, 2008. Disponível em https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/a_legitimacao.pdf, visita em 09, out., 2020.

CASCUDO. Luiz da Câmara. Vaqueiros e Cantadores. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1939.

DANTAS, Fábio Lafaiete & DANTAS, Maria Leda de Rezende. Uma Família na Serra do Teixeira: elenco e fatos. Recife: Liber, 2008.

FERREIRA, Amarílio, Jr. e BITTAR, Marisa (2019). A pedagogia da escravidão nos Sermões do Padre Antonio Vieira. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, Junho, v. 84, pp. 43-53. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/336026973_A_pedagogia_da_escravidao_nos_Sermoes_do_Padre_Antonio_Vieira, visita em 09, Out., 2020.

GALLIZA, Diana Soares de. O Declínio da Escravidão na Paraíba – 1850-1888. João Pessoa: Universitária, 1979.


JOFFILY, Geraldo Irenêo (1976). O Quebra-Quilo: a revolta dos matutos. Revista Histórica, Setembro, v. 54 (107): 69, pp. 70-145. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/322610790_o_quebra-quilo_A_revolta_dos_matutos_contra_os_doutores_1874, visita em 10, Nov., 2020.

JOFFILY, Irineu. Synopsis das Sesmarias da Capitania da Parahyba. Tomo I. Parahyba: Typ. e Lith. a vapor Manoel Henriques, 1893. Disponível em http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/bndigital0248/bndigital0248.pdf, visita em 10, Nov., 2020.

LEWIN, Linda (1998). Um Conto de Dois Textos – Oralidade, História Oral: insulto poético em o “desafio” de Romano e Inácio em Patos (1874). Berkeley, Estados Unidos, Departamento de História, University of California. Tradução: Ana Catarina Morawska Vianna.

LUCENA, Damião. Patos de Todos os Tempos: a capital do sertão da Paraíba. João Pessoa: A União, 1915.

MARTINS, Eduardo. Cardoso Vieira e o Bossuet da Jacoca: notas para um perfil biográfico. (APENSOS: Discursos na Câmara dos Deputados, 1879). João Pessoa: A União, 1979.



MELLO, José Octávio de Arruda. A Escravidão na Paraíba. Historiografia e História: preconceitos e racismo numa produção cultural. João Pessoa: A União, 1988.

_____. História da Paraíba. 13ª ed. João Pessoa: A União, 2014.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. Nordeste Insurgente. São Paulo: Brasiliense, 1987.

NUNES, Luiz. Inácio da Catingueira: o gênio escravo. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura, 1979.

OLIVEIRA, Elza Regis de. A Paraíba na Crise do Século XVIII: subordinação e autonomia – 1755-1799. 2ª Ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. Disponível em http://www.cchla.ufpb.br/dhitoria/wp-content/uploads/2018/09/ElzaEditado_LivroFinal.-A-Paraba-na-crise-do-sculo-XVIII.doc.pdf, visita em 10, Nov., 2020.

OTAVIANO, Padre Manoel. Inácio da Catingueira. Conferencia pronunciada em Catingueira a 13 de Maio de 1948.

RAMOS, Graciliano. Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste. 18º Ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.

ROCHA, Solange Pereira da. Gente Negra na Paraíba Oitocentista: População, Família e Parentesco Espiritual. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2007. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/neabi/pdf/Biblioteca%20Digital/Teses/SOLANGE%20PEREIRA%20DA%20ROCHA.pdf>, visita em 10, Nov., 2020.

SECRETO, María Verónica (2020). A seca de. 1877-1879 no Império do Brasil: dos ensinamentos do senador Pompeu aos de André Rebouças: trabalhadores e mercado. Revista de História, Ciências, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, Jan.-Mar., v.27, n.1, pp.33-51. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v27n1/0104-5970-hcsm-27-01-0033.pdf>, visita em 11, Out., 2020.

SEIXAS, Wilson Nóbrega. Viagem Através da Província da Paraíba. João Pessoa: A União, 1985.

SOARES, Maria S. Morais e Maria B. M. FILHA (2013). O Sertão da Paraíba no Século XVIII: representações espacial e imagética. Revista Inter Scientia, João Pessoa, Maio-Ago., v.1, n.2, pp. 84-99. Disponível em <https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/39/36>, visita em 10, Nov., 2020.

SOBRE O AUTOR

ANTONIO MARTINS DE OLVEIRA - Toni Oliveira.

Nascido em 1969 no sertão da Paraíba, é de família de agricultores humildes que, com a morte do progenitor, migra para os arredores do Recife, Pernambuco, onde vive um período como seminarista da Igreja Católica e, saindo, vai se graduar em música na Universidade Federal de Pernambuco e se especializar em Psicologia Social e Comunitária na Faculdade de Filosofia do Recife. Mais tarde, consegue uma bolsa de estudos para fazer mestrado em Antropologia Social e Cultural na Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha. Terminado o mestrado, decide voltar a viver no sertão da Paraíba, mais especificamente na cidade de Catingueira, de onde guardara boas lembranças da sua infância, apesar da experiência difícil por que passara a sua família.

Toni Martins é músico, maestro, arranjador musical e professor de música. É também professor de Filosofia, Sociologia e Idioma Castelhana. Escreveu e escreve artigos científicos para importantes revistas online e lançou em 2019 o romance Um Amor de Catingueira, disponível no site da Amazon.

Vive hoje em Catingueira e se dedica à produção autônoma de textos e a trabalhos sociais.

Contatos: tonimartins4@yahoo.com.br; Facebook: Toni Oliveira.

www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

Antônio Martins de Oliveira

O CATINGUEIRA E A SUA LIBERDADE

O escravo Inácio da Catingueira e o seu enfrentamento ao sistema escravista oitocentista no sertão da Paraíba



www.editorapublicar.com.br
contato@editorapublicar.com.br
@epublicar
facebook.com.br/epublicar

Antônio Martins de Oliveira

O CATINGUEIRA E A SUA LIBERDADE

O escravo Inácio da Catingueira e o seu enfrentamento ao sistema escravista oitocentista no sertão da Paraíba

